# *ESTUDO DO LIVRO DE LAMENTAÇÕES*

## 1. INTRODUÇÃO AO LIVRO

O Livro de Lamentações, intitulado em muitas versões "Lamentações de Jeremias", está posicionado entre Jeremias e Ezequiel na Septuaginta, na Vulgata e em várias outras versões. No texto hebraico, entretanto, aparece nos escritos sagrados como o terceiro dos *Megilloth,* ou "Cinco rolos". Os *Megilloth* são Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester. Eles foram escritos sobre rolos para serem lidos nas festas judaicas: Cântico dos Cânticos na Páscoa, Rute na Festa de Pentecostes, Eclesiastes na Festa dos Tabernáculos, Ester na Festa do Purim e Lamentações no aniversário da destruição de Jerusalém.

O contexto histórico dos cinco poemas que compõem o Livro de Lamentações é a destruição de Jerusalém por Nabucodonosor em 586 a.C. (2 Reis 25:1-21). Esse triste episódio começou a ser recordado, algum tempo depois, pelo povo, o qual mostrava a sua aflição com orações, jejuns, e outras formas de expressar dor (conforme Jeremias 41:5; Zacarias 7:3; 8:19). Além disso, junto às ruínas do templo eram celebradas determinadas cerimônias para manter desperta a memória daquela grande tragédia e a esperança da restauração nacional anunciada pelos profetas (conforme Jeremias 30:1-31:40).

Alguns fatos ajudam na leitura do livro. Em termos históricos, deve-se lembrar que a queda de Jerusalém aconteceu por etapas. Em 605 a.C., o primeiro grupo de cativos foi levado para a Babilônia. Em 597 a.C., um segundo grupo foi tirado da sua terra e levado para a Babilônia. Por final, em 586 a.C., a cidade (incluindo o templo de Salomão) foi destruída e os sobreviventes, com exceção de Jeremias e alguns pobres, foram levados ao cativeiro.

Algumas observações sobre o vocabulário do livro podem ajudar a esclarecer o sentido. "Sião" se refere ao monte principal de Jerusalém e se torna sinônimo de Jerusalém. A "filha de Sião", expressão que aparece oito vezes nos cinco capítulos, identifica o povo de Judá ou Jerusalém.

Esse livro do Antigo Testamento não é o único que contém "lamentações" individuais ou comunitárias. Vários salmos são poemas de pesar, lamento e expressões de tristeza, e todos os livros proféticos, exceto Ageu, trazem um ou mais exemplos do gênero das lamentações. Todavia, o Livro de Lamentações é o único que foi formado somente mediante lamentações.

Os quatro primeiros poemas correspondem aos quatro primeiros capítulos de Lamentações, cada um dos quais se compõe de 22 estrofes dispostas alfabeticamente em forma de acróstico, isto é, a letra inicial de cada estrofe se ajusta à ordem estabelecida no alfabeto hebraico (da mesma maneira como ocorre em alguns salmos e em outras composições poéticas do Antigo Testamento). O quinto poema do Livro de Lamentações não apresenta a característica alfabética dos quatro anteriores, mas curiosamente foi composto dentro do referido esquema de 22 estrofes.

Assim, o Livro de Lamentações abrange cinco poemas, sendo que as primeiras quatro composições são muito bem elaboradas na estrutura, consistindo de acrósticos baseados no alfabeto hebraico. Cada versículo dos capítulos 1 e 2 começa com uma palavra cuja consoante inicial é sucessivamente uma das 22 letras do alfabeto hebraico. No entanto, ocorrem pequenas variações de ordem regular que acontecem em Lamentações 2:16-17; 3:47-48; 4:16-17. No terceiro capítulo, segue-se um arranjo alfabético triplo, de forma que as três linhas de cada estrofe começam com a mesma letra. O quinto capítulo não é um acróstico, embora contenha 22 estrofes como os outros: trata-se de uma oração, não exatamente de uma canção de lamento. Formas alfabéticas desse tipo, provavelmente, tinham o propósito prático de estimular a memorização, uma vez que, naquele tempo, os manuscritos eram raros e caros.

Quem quer que tenha escrito essas palavras comoventes, fosse Jeremias ou outra pessoa, apesar de sua disciplina poética, estava claramente tentando entender a maneira pela qual Deus estava tratando seu povo rebelde. O autor compreendeu claramente que os babilônios eram meros agentes do juízo divino: o próprio Deus destruiu a cidade e o templo (Lamentações 1:12-15; 2:1-8,17,22; 4:11). O livro seguiu a tradição de algumas outras obras do gênero do antigo Oriente Médio, entre elas "Lamentação sobre a destruição de Ur", "Lamentação sobre a destruição da Suméria e Ur", e "Lamentação sobre a destruição de Nipur".

Do capítulo 3 em diante, o autor pareceu vacilar de forma aleatória entre o desespero e a esperança, mas o fio condutor de sua obra foi a forma como ele apresentou sua situação ao Senhor.

### 1.1. AUTORIA

Ainda que a obra em si não nos informe o nome de seu autor, a tradição judaica e o consenso entre a maioria dos biblistas da atualidade atribuem sua autoria ao profeta Jeremias. O título desse livro procede da versão grega do Antigo Testamento, a Septuaginta ou LXX. Ali, se denomina *Zrénoi* ("cantos fúnebres", "lamentações", "canções tristes"). Já a Bíblia hebraica o intitula *Eykâh* ("Como...!"), segundo o costume judaico de nomear os livros pelo vocábulo inicial de cada um deles, embora o termo apareça também em Lamentações 2:1; 4:1. Contudo, uma tradição hebraica o havia anteriormente intitulado com o termo *Quinot*, que, assim como o grego, significa "cantos", "lamentações", "cantos de lamento por um morto" (conforme 2 Crônicas 35:25). Com esse mesmo termo foram designados, mais tarde, os poemas compostos por uma ocasião de uma grande desgraça ou catástrofe nacional (Jeremias 7:29; 9:10-11,17-21; Amós 5:1-2).

No original hebraico, o livro não contém indicação alguma que permita relacioná-lo com Jeremias. Assim como sucede com o título, a referência ao profeta aparece na versão grega LXX em uma nota preliminar, a qual diz: "Sucedeu, quando Israel foi levado cativo e Jerusalém assolada, que Jeremias, chorando, se assentou e entoou esta lamentação sobre Jerusalém, dizendo: [...]." A nota do texto grego depois foi incluída na Vulgata (versão latina traduzida a partir das línguas originais, e não da Septuaginta), e assim se deu força para que o livro se tornasse tradicionalmente conhecido como "Lamentações de Jeremias". Além disso, a similaridade entre o texto e o conteúdo do *sêfer*/rolo/livro de Lamentações e a obra literária de Jeremias é nítida e expressiva. Jeremias sabia compor lamentações (2 Crônicas 35:25). No entanto, o livro em si é anônimo, e a maioria dos estudiosos concorda que os lamentos em homenagem a Josias referenciados em 2 Crônicas 35:25 não são os lamentos contidos no Livro de Lamentações. Embora a Septuaginta e a Vulgata tenham declarado uma referência à autoria de Jeremias, é impossível determinar se essa tradição é ou não correta.

Embora o texto pareça combinar com a personalidade de Jeremias, como se pode constatar no livro que leva seu nome, o estilo de poema bem estruturado de Lamentações não parece combinar. Contudo, não é impossível que o profeta tenha composto essa série de lamentos para propósitos litúrgicos, usando uma estrutura que não teria sido necessária e nem apropriada ao seu livro profético.

O poeta muito provavelmente foi testemunha ocular do juízo de Deus contra Jerusalém em 586 a.C. Parece ter sido alguém que ainda tinha a memória da queda da cidade bem viva e dolorida na memória. Portanto, é natural supor que o autor do livro que descreve de maneira tão viva e expressiva o fato ocorrido seja mesmo Jeremias.

### 1.2. DESTINATÁRIOS

O Livro de Lamentações foi escrito para o povo judeu exilado como uma expressão de dor, tristeza e horror, por causa da destruição de Jerusalém e do templo. Tinha uma função litúrgica: dar oficialmente aos exilados um memorial para que expressassem sua aflição sobre a calamidade que sobreveio a eles e para que refletissem no significado da destruição de Jerusalém.

### 1.3. PROPÓSITOS

O livro é formado por cinco poemas que captam o espírito e os sentimentos presentes em celebrações cobertas de luto. Jerusalém, "a cidade outrora populosa", "a que foi grande entre as nações", é representada como uma mulher que se tornou viúva (Lamentações 1:1) e como uma mãe que vê os seus filhos ainda pequenos desfalecerem e morrerem de fome (Lamentações 2:19,22). Mas o Livro de Lamentações não se limita a chorar o desastre de Judá e de Jerusalém: uma vez ou outra ele leva o povo a reconhecer sua própria responsabilidade e a confessar-se culpado diante do Senhor: "Jerusalém pecou gravemente; por isso, se tornou repugnante. Todos os que a honravam agora a desprezam, porque viram a sua nudez; ela também geme e se retira envergonhada" (Lamentações 1:8 – ver também Lamentações 1:14,20; 3:42; 4:6). Acima de tudo, o povo reconheceu que a nação de Judá e Jerusalém mereceram a severidade que o Senhor usou para tratá-las, e que ele nunca deixou de atuar com perfeita justiça (Lamentações 1:18).

Assim, o Livro de Lamentações não contém somente expressões de dor pessoal ou coletiva (conforme Lamentações 1:12-16; 3:43-47; 5:1-22), mas também outras em que o poeta deu testemunho da profunda fé e da total confiança no Senhor (Lamentações 3:21-24,26). A elas se unem cânticos de louvor (Lamentações 5:19), ações de graças (Lamentações 3:55-57) e exortações para que se reconheça com sinceridade de coração que os acontecimentos adversos que sobrevieram são, em última análise, a consequência indubitável de rebeldias cometidas (Lamentações 3:40-42).

Os judeus ortodoxos costumam ler publicamente em voz alta essa obra durante o nono dia do mês de Abe (em meados de julho, conforme nosso calendário – data oficial da destruição do templo de Salomão), relembrando as destruições de Jerusalém que aconteceram no ano 586 a.C., quando a cidade foi invadida e arrasada pelos babilônios, e no ano 70 d.C., quando Jerusalém foi transformada numa grande poça de sangue pelos exércitos romanos. Muitos judeus ortodoxos leem esse livro durante a semana toda, em frente ao que restou do muro ocidental de Jerusalém, conhecido como Muro das Lamentações. Além disso, o livro é importante na liturgia seguida pela Igreja Católica Romana tradicional, onde é lido nos últimos três dias da semana santa.

O assunto enfatizado no livro lembra do peso que Jesus Cristo sentiu em seu coração por Jerusalém (Mateus 23:37-38). Alguns versículos de Lamentações ganharam notoriedade entre muitos povos, culturas e línguas em todo o mundo, como Lamentações 1:12; 3:22-23.

No meio do livro, as lamentações do poeta chegam a seu clímax ao focarem na bondade incondicional de Deus. Ele é o eterno, o altíssimo de toda a esperança (Lamentações 3:21,24-25), do amor (Lamentações 3:22), da fidelidade (Lamentações 3:23) e da salvação (Lamentações 3:26).

Na leitura do Livro de Lamentações, notamos os seguintes assuntos dos capítulos:

- O capítulo 1 descreve o terrível sofrimento de Jerusalém como uma viúva que, além de perder o marido, foi levada à escravidão. O motivo foi claramente identificado: "Jerusalém pecou gravemente; por isso, se tornou repugnante" (Lamentações 1:8);

- O capítulo 2 focaliza o papel divino nesse castigo. Deus castigou seu povo. O sofrimento não foi por acaso e não foi atribuído a causas naturais ou políticas: "O SENHOR se tornou como inimigo, devorando Israel; devorou todos os seus palácios, destruiu as suas fortalezas e multiplicou na filha de Judá o pranto e a lamentação" (Lamentações 2:5);

- O capítulo 3 apresenta os apelos feitos pelo povo ao Senhor, buscando sua clemência e misericórdia. Apesar da severidade do castigo, o povo reconheceu que Deus foi misericordioso e não destruiu por completo seu povo: "As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim" (Lamentações 3:22). Por causa dessa confiança na misericórdia de Deus, o povo ainda esperava a reconciliação: "O SENHOR não rejeitará para sempre. Ainda que entristeça alguém, terá compaixão segundo a grandeza das suas misericórdias" (Lamentações 3:31-32);

- O capítulo 4 considera o grande sofrimento de Jerusalém, lembrando da glória e felicidade dessa cidade em outras épocas. Como é comum nos profetas, os líderes foram citados como os principais culpados: "Nem os reis da terra, nem todos os moradores do mundo acreditavam que o adversário ou inimigo pudesse entrar pelos portões de Jerusalém. Tudo isso aconteceu por causa dos pecados dos seus profetas e por causa das maldades dos seus sacerdotes, que derramaram no meio dela o sangue dos justos" (Lamentações 4:12-13);

- O capítulo 5 descreve o arrependimento do povo clamando a Deus e pedindo perdão.

### 1.4. DATA DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO

Não há indicação de que Jerusalém já estivesse reabilitada pelos judeus na época do livro. A data mais recuada possível para a sua primeira publicação é 586 a.C. (destruição de Jerusalém) e a mais avançada é 516 a.C., quando foi consagrado o templo reedificado de Jerusalém. A vividez da narrativa da obra, como uma "reportagem

poética" de um fato recém-ocorrido, é uma evidência forte de uma data antiga para a autoria. Assim, uma data posterior a 586 a.C., mas anterior a 538 a.C., parece a mais razoável.

### 1.5. CURIOSIDADES

- As muralhas eram inclinadas e as "paredes" eram como muros de terra ou de pedra usadas como barreira de proteção contra os invasores (Lamentações 2:8);
- Os hebreus dividiam a noite em três vigílias: a primeira, do pôr do sol às 22 h; a segunda, das 22 h às 2 h; e a terceira, das 2 h até o amanhecer (Lamentações 2:19);
- Para não morrerem de fome durante o cerco de Jerusalém, algumas mães cozinharam e comeram os próprios filhos (Lamentações 2:20).

### 1.6. TEMAS

Os temas do Livro de Lamentações incluem:

- **Julgamento:** o pecado tem consequências. O livro demonstra que Deus usa agentes humanos para executar juízo divino (Lamentações 1:14-15; 2:1-8,17,22; 4:11);
- **Resposta apropriada ao juízo divino:** a melhor resposta ao julgamento divino é o arrependimento (Lamentações 3:40-42) e o clamor por perdão e restauração (Lamentações 5:21-22). O povo tinha pecado (Lamentações 1:8,14,18; 2:14; 4:13), mas clamou a Deus por ajuda, esperando dele o perdão e a restauração;
- **O caráter de Deus:** Deus é justo, mas também é o Deus da esperança (Lamentações 3:21,24-25), amor (Lamentações 3:22), fidelidade (Lamentações 3:23) e salvação (Lamentações 3:26).

O Livro de Lamentações, como o nome do livro sugere, apresenta uma mensagem triste sobre as consequências do pecado, lembrando aos leitores que "Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hebreus 10:31).

### 1.7. ESTRUTURA

Para o propósito deste estudo, consideraremos que o livro está estruturado da seguinte maneira:

- A aflição de Jerusalém (Lamentações 1);
- A ira de Deus contra seu povo (Lamentações 2);
- A esperança da consolação (Lamentações 3);
- O contraste entre passado e presente (Lamentações 4);
- O apelo de Judá para o perdão de Deus (Lamentações 5).

## 2. ESTUDO DO LIVRO DE LAMENTAÇÕES

As citações são da versão Nova Almeida Atualizada.

### *A AFLIÇÃO DE JERUSALÉM*

**Lamentações 1:1-3:** ***"{1:1} Como jaz solitária a cidade outrora populosa! Tornou-se como viúva a que foi grande entre as nações! Princesa entre as províncias, ficou sujeita a trabalhos forçados! {1:2} Chora amargamente de noite, e as lágrimas lhe correm pelo rosto. Entre todos os seus amantes não tem quem a console. Todos os seus***

***amigos a traíram; tornaram-se seus inimigos. {1:3} Judá foi levado ao exílio, afligido e sob grande servidão; agora habita entre as nações, sem encontrar descanso. Todos os seus perseguidores o apanharam nas suas angústias.*"**

**1:1 –** No texto original hebraico aparece o termo *echá* ou *Eykâh*, o qual foi utilizado como uma interjeição que revela todo o assombro pela devastação e o "imenso vazio" em que se encontrava Jerusalém, antes tão movimentada e cheia de vida (Lamentações 2:1; 4:1-2; Isaías 1:21; Jeremias 48:17). Antes foi uma cidade populosa, mas tornou-se solitária.

Jerusalém *"foi grande entre as nações! Princesa entre as províncias"*. Esses qualificativos, e outros semelhantes, ressaltam a magnitude da catástrofe: a cidade que estava em ruínas não era uma cidade qualquer, mas Jerusalém, *"a cidade de Deus, o santuário das moradas do Altíssimo"* (Salmo 46:4) e a *"cidade do grande Rei"* (Salmo 48:2). No entanto, foi comparada a uma viúva que, além de perder o marido, foi levada à escravidão. Era comum, no Antigo Testamento, as cidades serem comparadas com mulheres. Nas culturas do antigo oriente, a situação da mulher viúva era extremamente precária. Sem a proteção do marido, ela estava exposta à miséria e à exploração (conforme Rute 1:3-5; Isaías 54:4). Assim, a comparação da cidade com uma viúva sugere a ideia de total desolação.

O primeiro poema (capítulo 1) se divide em duas partes que têm a mesma extensão: a primeira, em Lamentações 1:1-11, descreve poeticamente a ruína de Jerusalém, estabelecendo um impressionante paralelo entre a sua glória passada e a sua desgraça presente; a segunda, em Lamentações 1:12-22, descreve como a cidade, personificada, se lamenta amargamente da sua solidão e desamparo, implorando a compaixão dos homens (conforme Lamentações 1:12) e a misericórdia de Deus (conforme Lamentações 1:20).

**1:2 –** A cidade amada do autor chorou a amargura e o vazio árido sem o consolo de sequer um amigo leal (Lamentações 1:9,16-17,21), como se fosse uma mera escrava ferida e sem valor. As nações próximas se voltaram contra ela, particularmente Edom (Lamentações 4:21-22; Salmo 137:7) e Amom (Jeremias 40:14; Ezequiel 25:2-3,6) – assim como Moisés advertiu (Deuteronômio 28:65).

Na expressão *"não tem quem a console"*, o verbo hebraico traduzido por *"console"* não se refere apenas a uma palavra de consolo (como em Gênesis 37:35), mas também inclui a ação e ajuda eficazes. Quando o Senhor consola seu povo, age em favor dele para confortá-lo, fazê-lo transbordar de alegria e dar a ele a salvação (Salmo 71:20-21; Isaías 40:1-2; 57:18; Jeremias 31:13).

A expressão *"os seus amantes"* também pode ser traduzida como "os que a amavam" e passa a ideia da prostituição/idolatria da cidade com nações e deuses pagãos (como em Jeremias 2:20; 3:1; Oseias 2:2,7). Os *"amantes"* e os *"amigos"* são as outras nações que o povo judeu procurava para fazer alianças. Os ídolos que o povo "amava" (Jeremias 2:20-25) não puderam consolá-lo, e nem os "aliados" das outras nações, sendo que alguns traiçoeiramente se juntaram aos inimigos babilônios (2 Reis 24:2-7; Salmos 137:7).

**1:3 –** A expressão *"Judá foi levado ao exílio"* exprime a ideia de que o povo judeu foi deportado para a Babilônia (conforme 2 Reis 24:18-25:21). O povo passou a ser subjugado pelos babilônios. Não habitou mais na terra prometida, mas *"entre as nações"*. Estava em angústia enquanto era maltratado em sua terra pelos seus perseguidores, os quais eventualmente o apanharam. Esses perseguidores foram principalmente os babilônios, mas pode ser que outras nações que se situavam ao redor de Jerusalém também tivessem feito parte deles, como Edom. Obadias 14 parece indicar que alguns judeus que escaparam dos babilônios foram apanhados pelos edomitas em encruzilhadas.

A queda de Jerusalém aconteceu por etapas. Em 605 a.C., o primeiro grupo de cativos foi levado para a Babilônia. Jeremias 52:28-30 registra outras deportações para a Babilônia durante o reinado de Nabucodonosor: em 597 a.C., o segundo grupo de cativos foi tirado da sua terra e levado para a Babilônia (provavelmente apenas os homens adultos, visto que os números em 2 Reis 24 são altos); em 586 a.C., a cidade (incluindo o templo de Salomão) foi destruída e os sobreviventes, com exceção de Jeremias e alguns pobres, foram levados ao cativeiro; finalmente, houve também alguns que foram exilados em 581 a.C., talvez como castigo pelo assassinato do governador Gedalias, o qual foi constituído por Nabucodonosor (Jeremias 41:1-3), mas essa última deportação é posterior à queda de Jerusalém.

**Lamentações 1:4-6:** ***"{1:4} Os caminhos de Sião estão de luto, porque não há quem venha à reunião solene. Todas as suas portas estão desertas, os seus sacerdotes vivem gemendo, as suas virgens estão tristes, e ela mesma se acha em amargura. {1:5} Os seus adversários a dominam, os seus inimigos prosperam. Porque o SENHOR a afligiu, por causa da multidão das suas transgressões; os seus filhinhos tiveram de ir para o exílio, na frente dos adversários. {1:6} Da filha de Sião já se passou todo o esplendor. Os seus príncipes ficaram sendo como corços que não acham pasto e caminham exaustos na frente do perseguidor."***

**1:4 –** Os caminhos que levavam ao monte Sião, onde se encontrava o templo, se tornaram vazios, como se estivessem *"de luto"*, uma vez que não havia mais povo para frequentar as festas do calendário de Israel e nem a alegria de ir ao templo por esses caminhos. As portas de Jerusalém estavam arrombadas. Nem sequer havia mais o templo e, assim, os sacerdotes se entristeceram a ponto de gemer – não havia mais sacrifícios ou reuniões solenes. As jovens virgens de Jerusalém também se entristeceram e a própria cidade estava em amargura por causa da ruína.

**1:5 –** Os adversários dos judeus tiveram triunfo e prosperidade com a queda da nação de Judá. A Babilônia conseguiu despojos e gente para o cativeiro. Provavelmente, Edom também conseguiu despojos (Obadias 13) e se alegrou com a queda da "nação irmã" (Obadias 12). No entanto, os babilônios que arrasaram Jerusalém foram apenas o meio do juízo. O responsável pela queda de Jerusalém foi o próprio Deus. Ele pregou, por meio de seus profetas, como o próprio Jeremias, muitas mensagens para que o povo se arrependesse do mal, mas isso não aconteceu. Por isso, veio a ruína, as lamentações, e até crianças e jovens foram exilados para as terras do inimigo.

**1:6 –** A *"filha de Sião"* é uma personificação da cidade de Jerusalém que perdeu seu esplendor. As autoridades e judeus de alto *status* social, os *"príncipes"*, passaram a ser como corços que não achavam lugar de descanso e tranquilidade. A corça é um animal ágil e poderoso na musculatura das pernas, mas esses príncipes eram como "corços cansados" que não podiam correr, apenas caminhar exaustos diante do inimigo – ou seja, eles estavam totalmente vulneráveis aos babilônios.

**Lamentações 1:7-10:** ***"{1:7} Agora que está aflita e andando sem rumo, Jerusalém se lembra de todas as coisas preciosas que teve nos tempos antigos. Ela se recorda de como o seu povo caiu nas mãos do adversário, sem que ninguém viesse socorrê-la, e de como os adversários a viram e deram risada da sua queda. {1:8} Jerusalém pecou gravemente; por isso, se tornou repugnante. Todos os que a honravam agora a desprezam, porque viram a sua nudez; ela também geme e se retira envergonhada. {1:9} A sua impureza está nas suas saias. Ela não pensava no que poderia acontecer; por isso, caiu de modo espantoso e não tem quem a console. 'Vê, SENHOR, a minha aflição, porque o inimigo se exalta.' {1:10} O adversário pôs a mão em todas as coisas preciosas dela. Ela viu as nações entrarem no seu santuário, apesar de teres proibido que entrassem na tua congregação. {1:11} Todo o seu povo anda gemendo e à procura de pão; trocaram as suas coisas preciosas por mantimento, para poderem restaurar as forças. 'Vê, SENHOR, e contempla, pois me tornei desprezível.'"***

**1:7 –** Nos dias em que Jerusalém estava arruinada e com os habitantes levados cativos, lembrou-se das boas coisas que tinha desde tempos antigos. A recordação de como o povo caiu nas mãos dos babilônios, sem que ninguém o pudesse ajudar, está vividamente descrita aqui. Além disso, os inimigos ao redor dos judeus escarneceram deles, como Edom (Obadias 12), Moabe e Amom (Sofonias 2:8). Os próprios babilônios se exaltaram contra os judeus (Lamentações 1:9).

**1:8 –** Jerusalém, comparada a uma mulher humilhada por ter tido sua nudez descoberta e que gemia e se retirava por causa da vergonha (há uma ideia similar em Ezequiel 16:35-37), teve o motivo do seu terrível sofrimento claramente identificado: o povo da cidade pecou, e ela se tornou repugnante. A repugnância foi causada por pecado deliberado.

**1:9 –** A *"impureza"* evoca a impureza cerimonial de uma mulher durante o período menstrual. A analogia descreve o pecado de Jerusalém como sendo a "sujeira menstrual" na saia de uma mulher. Embora estivesse muito suja, a cidade não imaginava que iria cair. Porém, ao contrário do que os habitantes pensavam, isso aconteceu. Por isso, a queda foi espantosa para eles. A ruína foi assombrosa e não havia quem pudesse consolar ou providenciar qualquer ação ou ajuda a favor dos judeus.

O autor também clamou ao Senhor para que ele visse a aflição que ele sentiu, especialmente porque o inimigo de Jerusalém, a Babilônia que a arruinou, estava se exaltando, ou seja, era insolente, se comportando com impertinência, arrogância, irreverência e/ou orgulho. O poeta não deixou de acreditar no Senhor, mesmo em sua aflição.

**1:10 –** Os babilônios despojaram Jerusalém, inclusive os tesouros do templo e da casa do rei, conforme 2 Reis 24:13; 25:13-17. Eram as coisas mais estimadas da cidade. Nem mesmo as grandes colunas de bronze do templo foram poupadas.

O Senhor nunca quis que os gentios entrassem no templo (Deuteronômio 23:1-8; Jeremias 51:51; Ezequiel 44:9), porém, na hora do juízo de Jerusalém, eles não somente entraram, como saquearam. Deus, de fato, esteve contra sua cidade naquele momento.

O fato de a palavra *"nações"* estar no plural pode indicar que não foi apenas a nação da Babilônia que adentrou ao santuário. Talvez alguns edomitas também tenham feito isso (Obadias 11,13).

**1:11 –** A escassez de comida foi um problema para os judeus durante e depois do cerco de Jerusalém. O povo sofria por não ter o que comer, gemia e até mesmo vendia suas coisas mais estimadas por alimento. O poeta também falou em nome da cidade e pediu a Deus que observasse a situação em que ela se tornou desprezível.

**Lamentações 1:12-13:** ***"{1:12} Todos vocês que passam pelo caminho, será que isto não os comove? Olhem e vejam se há dor igual à minha, essa dor que me sobreveio, com que o SENHOR me afligiu no dia do furor da sua ira. {1:13} Lá do alto ele enviou fogo aos meus ossos, o qual se apoderou deles; estendeu uma rede aos meus pés, e me fez voltar para trás; deixou-me desolada e sofrendo todo o dia."***

**1:12 –** O autor, falando como se fosse Jerusalém, demonstrou como a aflição era intensa ao perguntar a quem passava por perto da cidade destruída se sua situação não era comovente. Ele pediu para que fosse considerada a ira do juízo do Senhor que caiu sobre Jerusalém. A aflição de Jerusalém era a aflição do autor. Nessa consideração, ele questionou se havia uma dor igual à dor dele, dando ênfase na força do castigo.

**1:13 –** O autor usou uma figura de linguagem forte, comparando o juízo que caiu sobre Jerusalém como se Deus, das alturas, tivesse enviado fogo a seus ossos, e esse fogo se apoderado deles – isso enfatizou o seu tormento. Ele também fez uma comparação do juízo como uma rede que o puxou para trás. Depois, voltando a falar de si mesmo como se fosse Jerusalém, disse que a ação de ter sido trazido para trás fez com que a cidade se tornasse assolada e enferma, e isso pelo dia todo – dia após dia.

**Lamentações 1:14-16:** ***"{1:14} Ele, com a sua mão, fez das minhas transgressões um jugo; elas foram entretecidas e penduradas no meu pescoço. O SENHOR abateu a minha força; ele me entregou nas mãos daqueles contra os quais não posso resistir. {1:15} O SENHOR dispersou todos os valentes que estavam comigo; convocou um exército contra mim, para esmagar os meus jovens; o SENHOR pisou, como num lagar, a virgem filha de Judá. {1:16} Por estas coisas, eu choro; os meus olhos, os meus olhos se desfazem em lágrimas. Porque o consolador, que devia restaurar as minhas forças, se afastou de mim. Os meus filhos estão desolados, porque o inimigo prevaleceu."***

**1:14 –** O fardo dos pecados de Jerusalém, comparados a uma canga pesada colocada no pescoço dos judeus, pesava sobre seus habitantes e sobre o poeta, e foi a mão de Deus que fez isso. O Senhor abateu a força deles, entregando-os contra inimigos que não podiam resistir: os babilônios.

**1:15 –** Quando os babilônios vieram, os judeus valentes, os guerreiros, foram dispersos. Judá não pôde resistir a eles (Lamentações 1:12). Eram um exército sem piedade para acabar até mesmo com os jovens. A ideia de pisar, *"como num lagar, a virgem filha de Judá"*, demonstra o quão terrível foi o juízo contra Jerusalém. "Pisar o lagar" na Bíblia representa frequentemente a ideia de castigo, como se as uvas pisadas com os pés em um lagar fossem o povo condenado – quem pisa representa o Senhor, e o suco da uva representa o sangue dos condenados ao juízo. A ideia do lagar é também encontrada em Isaías 63:3; Joel 3:13; Apocalipse 14:20; 19:15.

**1:16 –** A tristeza do poeta foi profunda por causa de todas as consequências resultantes do juízo. Ainda mais, os olhos do autor *"se desfazem em lágrimas"* porque ele gostaria que Deus, chamado aqui de *"consolador"*,

restaurasse suas forças, mas ele se afastou por causa dos pecados de seu povo. Não havia quem consolasse Jerusalém naquela hora (Lamentações 1:2). O poeta mais uma vez personificou Jerusalém e disse *"Os meus filhos estão desolados, porque o inimigo prevaleceu"*, ou seja, os babilônios prevaleceram e os habitantes da cidade foram desolados.

**Lamentações 1:17-19:** ***"{1:17} Sião estende as mãos, e não há quem a console. O SENHOR ordenou a respeito de Jacó que os seus vizinhos se tornem seus inimigos; para eles, Jerusalém se tornou coisa impura. {1:18} 'Justo é o SENHOR, pois me rebelei contra a sua palavra. Escutem, todos os povos, e vejam a minha dor; as minhas virgens e os meus jovens foram levados para o cativeiro. {1:19} Chamei os meus amantes, mas eles me enganaram; os meus sacerdotes e os meus anciãos morreram na cidade, quando estavam à procura de mantimento para restaurarem as suas forças.'"***

**1:17 –** A expressão *"Sião estende as mãos"* passa a ideia de alguém que mostra as mãos estendidas como se estivesse suplicando por alívio e consolação. O Senhor tinha alertado a nação de Israel (representada aqui por *"Jacó"*) como um todo, desde tempos remotos, de que seria vítima das nações vizinhas se o abandonasse. Os israelitas várias vezes o abandonaram, e nações vizinhas várias vezes os atacaram, ou seja, foram efetivamente inimigas. Para essas nações, a outrora bela Jerusalém, a qual deveria ter sido pura, passou a se tornar uma *"coisa impura"*, desprezível.

**1:18 –** Desde os dias dos antepassados de Judá até aquele momento, o povo teve grande culpa diante de Deus. Por causa das consequências das iniquidades, o povo de Israel tem caído constantemente nas mãos de outras nações. O Senhor não deixou de alertar o povo com seus profetas, mas o povo não ouviu e persistiu no erro. Portanto, o Senhor fez justiça – ele é justo, e o castigo foi necessário. O poeta falou como se fosse o povo quando reconheceu *"Justo é o SENHOR, pois me rebelei contra a sua palavra"* (Lamentações 3:42; 5:16; Esdras 9:7; Salmo 106:6; Daniel 9:4-14).

De maneira análoga, na hora do juízo de cada pessoa (seja pela morte, seja pela volta de Cristo), será tarde demais para aqueles que forem condenados. A eles restará apenas a dor do tormento eterno. Cada um vai reconhecer que mereceu o castigo porque se rebelou contra a Palavra do Senhor e vai reconhecer que Deus é justo. Todo joelho se dobrará diante de Deus, até mesmo os joelhos dos condenados. Disse o Senhor em Isaías 45:23-24: *"Por mim mesmo tenho jurado; da minha boca saiu o que é justo, e a minha palavra não tornará atrás. Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua. De mim se dirá: 'Tão somente no SENHOR há justiça e força.' Até ele virão e serão envergonhados todos os que se irritarem contra ele."*

Depois, mais uma vez, o poeta falou em nome da cidade, declarando que os jovens e virgens de Jerusalém foram levados ao exílio e pedindo que os outros povos ouvissem sua dolorosa lamentação. É mais uma expressão do sofrimento intenso daquela situação. A expressão pode ser entendida também como um alerta às outras nações para que temam o Senhor e constatem qual é a consequência da rebeldia contra ele.

**1:19 –** Ainda falando em nome da cidade, o autor afirmou mais uma vez, como em Lamentações 1:2, que chamou seus *"amantes"*, isto é, as outras nações, mas elas o enganaram – em especial as "nações parentes" como Edom (Lamentações 4:21-22; Salmo 137:7) e Amom (Jeremias 40:14; Ezequiel 25:2-3,6), que se voltaram contra Judá. Essa é outra consequência de confiar demais em poderes humanos e não em Deus.

Voltando ao tema da miséria pela falta de mantimento, o poeta lamentou que até mesmo os sacerdotes e anciãos que não foram levados ao exílio, ou que sofreram durante o cerco, pereceram em Jerusalém. As outras nações não puderam ajudar, tampouco os sacerdotes e anciãos.

**Lamentações 1:20-22:** ***"{1:20} Olha, SENHOR, porque estou angustiada! A minha alma se agita, o meu coração está transtornado dentro de mim, porque gravemente me rebelei contra ti. Lá fora, a espada mata os filhos; aqui dentro, a morte se propaga. {1:21} Ouvem-se os meus gemidos, mas não tenho quem me console. Todos os meus inimigos que souberam da minha desgraça se alegram, porque tu a fizeste cair sobre mim; mas, quando trouxeres o dia que anunciaste, eles serão semelhantes a mim. {1:22} Venha toda a sua iniquidade à tua presença, e faze com eles como fizeste comigo por causa de todas as minhas transgressões; porque os meus gemidos são muitos, e o meu coração desfalece."***

**1:20 –** Ainda falando em nome da cidade, o poeta pediu a Deus que ele observasse a angústia de Jerusalém. Tamanha era sua angústia que sua *"alma"* foi descrita como estando agitada e seu *"coração"* foi descrito como estando transtornado (veja Jeremias 4:19). Isso ocorreu porque a cidade se rebelou contra a Palavra do Senhor (Lamentações 1:18).

Em relação à expressão *"Lá fora, a espada mata os filhos; aqui dentro, a morte se propaga"*, a obra "Lamentação sobre a destruição de Ur" da Suméria contém um paralelo impressionante: "Dentro dela, morremos de fome; fora, somos mortos pelas armas" (linhas 403-404). Durante o cerco, se os habitantes de Jerusalém permanecessem dentro da cidade, poderiam morrer pela fome (*"aqui dentro, a morte se propaga"* – veja Jeremias 9:21). Se saíssem para fora, poderiam ser mortos pelos inimigos. Essa era uma situação comum em cercos do mundo antigo.

**1:21 –** Novamente, o autor declarou que não havia ninguém para seu consolo (Lamentações 1:2), por mais que gemesse. Os inimigos de Judá sabiam da agonia dos judeus e se alegraram com isso, e o autor reconheceu que essa desgraça foi o castigo de Deus (*"porque tu a fizeste cair sobre mim"*). Porém, essas outras nações também tinham um tempo determinado para sofrer juízo, um "dia do Senhor". É comum nos profetas do Antigo Testamento serem encontradas passagens declarando juízo contra várias nações. Em Sofonias 2:4-15, por exemplo, foi declarado um dia de acerto de contas, um "dia do Senhor", contra as nações inimigas de Jerusalém que estavam à sua volta. Assim, a expressão *"mas, quando trouxeres o dia que anunciaste, eles serão semelhantes a mim"* passa a ideia de que chegará o dia em que esses inimigos estarão em situação similar à situação da Jerusalém arruinada.

**1:22 –** O poeta sabia que os inimigos de Judá eram ímpios e desejou que toda essa impiedade aparecesse diante do Senhor, para que eles também sofressem o castigo merecido. O autor sofreu muito com a situação em que se encontrou, com muitos gemidos e um "coração desfalecido", mas ainda assim ele não buscou vingança com as próprias mãos – ele a deixou nas mãos de Deus, que é aquele tem autoridade para retribuir. Em Hebreus 10:30-31 está escrito: *"Pois conhecemos aquele que disse: 'A mim pertence a vingança; eu retribuirei.' E outra vez: 'O Senhor julgará o seu povo.' Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo."*

## *A IRA DE DEUS CONTRA SEU POVO*

**Lamentações 2:1-4:** ***"{2:1} Como o SENHOR, na sua ira, cobriu de nuvens a filha de Sião! Precipitou do céu à terra a glória de Israel e, no dia da sua ira, não se lembrou do estrado de seus pés. {2:2} O SENHOR devorou todas as moradas de Jacó e não teve piedade; no seu furor, derrubou as fortalezas da filha de Judá; lançou por terra e profanou o reino e os seus príncipes. {2:3} No furor da sua ira, cortou toda a força de Israel; retirou a sua mão direita em face do inimigo. Consumiu Jacó como labareda de fogo que devora tudo ao seu redor. {2:4} Entesou o seu arco, como se fosse um inimigo; firmou a sua mão direita, como se fosse um adversário. Destruiu tudo o que era formoso à vista; derramou o seu furor, como fogo, sobre a tenda da filha de Sião."***

**2:1 –** O começo e o final do poema (Lamentações 2:1,22) expressam claramente o tema predominante nessa segunda lamentação: o dia da destruição de Jerusalém foi o dia da ira do Senhor. Cobrir *"de nuvens"* representa o juízo, uma linguagem representando tempos difíceis, assim como nuvens carregadas transmitem a ideia de uma tempestade que se aproxima. A *"filha de Sião"* é uma personificação de Jerusalém. *"Precipitou do céu à terra"* é uma figura de linguagem que utiliza a imagem do conhecido fenômeno astronômico popularmente chamado "estrela cadente" (Isaías 14:12). A *"glória de Israel"* se refere à comunhão com Deus, que foi cortada, especialmente com a destruição do templo. A expressão *"estrado de seus pés"* é metafórica e se refere à presença divina neste mundo: no Salmo 132:7, o estrado dos pés do Senhor é a arca da aliança (conforme 1 Crônicas 28:2); em Isaías 66:1, é a terra; aqui, é o templo de Sião (conforme Ezequiel 43:7). Portanto, Deus, no dia do juízo de Jerusalém, rebaixou o templo antes muito exaltado a entulho (*"Precipitou do céu à terra a glória de Israel"*) e escolheu se esquecer dele (*"não se lembrou do estrado de seus pés"*).

O autor expressou mais uma vez seu grito de terror e angústia, como outros profetas: Moisés, porquanto levava o pesado fardo de aguentar as queixas de toda a população israelita (Deuteronômio 1:12), e Isaías, devido à depravação do povo de Deus (Lamentações 1:1; 2:1; 4:1).

O poema do capítulo 2 divide-se em quatro seções: Lamentações 2:1-10 descreve o castigo que Sião estava sofrendo por seus pecados; Lamentações 2:11-12 reflete uma emocionada lamentação; Lamentações 2:13-19 é dirigido à cidade; Lamentações 2:20-22 é dirigido a Deus.

**2:2 –** O juízo do Senhor não poupou as moradas da nação de Israel como um todo, tanto o reino do norte (referido como *"Jacó"* e destruído pelos assírios) quanto o reino do sul (referido como *"Judá"* e destruído pelos babilônios). Não houve mais piedade da parte do Senhor naquele momento – o castigo foi várias vezes anunciado, mas o povo não deu importância. Sendo assim, no dia de sua ira, Deus permitiu que os babilônios destruíssem as fortalezas de Judá e que arruinassem tanto o reino quanto os príncipes, ou seja, as autoridades.

"Profanar", aqui, significa que os pagãos (os babilônios, talvez também os edomitas) invadiram a cidade, o templo, e se arremeteram contra as autoridades judaicas (os judeus se consideravam "santos" em relação aos gentios, mas foram "profanados" quando os gentios se arremeteram contra eles). A nação de Israel deveria ter sido separada das nações gentias, mas nessa ocasião foi arruinada e profanada por elas.

**2:3 –** A palavra *"força"*, no original, aparece como "chifre" – chifres simbolizam a força. Deus removeu as forças da nação de Israel, tanto do reino do norte quanto do reino do sul – eles não tinham poder militar, ou político, ou qualquer outro que fosse, contra os inimigos. Sem a proteção da destra do Senhor, Israel, representado por *"Jacó"*, tornou-se vulnerável e os inimigos arrasaram tudo. A ira do Senhor foi representada como se fosse fogo consumindo tudo a seu redor.

**2:4 –** O poeta continuou a utilizar figuras de linguagem para demonstrar como Deus se voltou contra Jerusalém. Dessa vez, a imagem transmitida foi como se o Senhor fosse um guerreiro que dispara flechas contra seu inimigo – seu próprio povo, que o rejeitou. Como um adversário, Deus firmou sua destra contra a cidade, representando sua decisão firme. Ele não poupou nem sequer as coisas que eram bonitas à vista e executou sua ira, capaz de consumir como o fogo consome uma tenda. A *"tenda da filha de Sião"* pode ser uma referência ao tabernáculo, ou melhor, ao templo de Jerusalém, o qual foi arruinado pelos inimigos.

**Lamentações 2:5-10:** ***"{2:5} O SENHOR se tornou como inimigo, devorando Israel; devorou todos os seus palácios, destruiu as suas fortalezas e multiplicou na filha de Judá o pranto e a lamentação. {2:6} Demoliu com violência o seu tabernáculo, como se fosse uma horta; destruiu o lugar da sua congregação. O SENHOR, em Sião, entregou ao esquecimento as festas e o sábado e, na indignação da sua ira, rejeitou com desprezo o rei e o sacerdote. {2:7} O SENHOR rejeitou o seu altar e detestou o seu santuário. Entregou nas mãos dos inimigos os muros dos seus castelos; eles deram gritos na Casa do SENHOR, como se fosse dia de festa. {2:8} O SENHOR resolveu destruir a muralha da filha de Sião; estendeu o cordel e não retirou a sua mão destruidora. Fez gemer a muralha e as paredes; juntas enfraqueceram. {2:9} Os seus portões caíram por terra; ele quebrou e despedaçou as suas trancas. O seu rei e os seus príncipes estão entre as nações onde já não vigora a lei; os seus profetas não recebem mais visões do SENHOR. {2:10} Os anciãos da filha de Sião estão sentados no chão, em silêncio; lançam pó sobre a cabeça, vestindo roupa feita de pano de saco; as virgens de Jerusalém abaixam a cabeça até o chão."***

**2:5 –** Mais uma vez foi declarado que Deus se tornou como um inimigo de seu próprio povo, de todo o Israel. O Senhor permitiu que a Assíria e a Babilônia arrasassem os reinos do norte e do sul – essas nações destruíram palácios e fortalezas. Especificamente no caso de Jerusalém, o juízo de Deus fez o sofrimento e as lamentações serem cada vez mais abundantes.

**2:6 –** Deus arruinou o tabernáculo, o lugar da congregação, pôs as festas e sábados em esquecimento e desprezou o rei e o sacerdote (possivelmente o sumo sacerdote). Tudo isso porque eles estavam corrompidos. Em Isaías 1:13 está descrita a razão disso: *"Não me tragam mais ofertas vãs! O incenso é para mim abominação, e também as Festas da Lua Nova, os sábados e a convocação das assembleias. Não posso suportar iniquidade associada à reunião solene."* Assim, até mesmo as coisas de Deus, se forem realizadas de forma errada, se tornam em abominação para ele. Até mesmo um rei e um sacerdote são rejeitados quando se tornam corruptos – ninguém vai ser livrado do castigo por ocupar um cargo de rei ou sacerdote.

**2:7 –** Por causa da corrupção e do serviço mal feito, Deus também rejeitou seu altar e odiou o santuário, deixando que o inimigo, a Babilônia, se apoderasse dos castelos e muros de Jerusalém e fizesse com eles o que bem quisesse. Até mesmo foi permitido que os babilônios "gritassem como se estivessem em uma festa" dentro do templo. Em Ezequiel 24:21, Deus disse: *"Eis que profanarei o meu santuário, do qual vocês tanto se orgulham, que é a delícia dos seus olhos e o desejo do seu coração. Os filhos e as filhas que vocês deixaram para trás cairão à espada."*

**2:8 –** O muro de Jerusalém a protegia dos ataques de invasores, mas o Senhor decidiu destruir essa proteção, permitindo que o povo fosse castigado. As *"muralhas"* eram inclinadas e as *"paredes"* eram como muros de terra ou de pedra, as quais eram usadas como barreiras de proteção contra os invasores. A retirada dessas barreiras passa uma ideia de nivelar o solo, deixando-o completamente plano, para que os inimigos passem livremente. As barreiras "gemeram" por terem se enfraquecido durante o ataque do inimigo.

O *"cordel"* era uma linha, corda ou barbante de determinado comprimento que era usado para medir. Aqui, o uso do cordel da parte de Deus significa que Jerusalém foi medida e foi encontrada como estando fora do padrão dele e, por isso, merecedora de juízo, como em 2 Reis 21:13: *"Estenderei sobre Jerusalém o cordel de Samaria e o prumo da casa de Acabe."* Outra tradução para *"estendeu o cordel"* seria "traçou o plano de destruição".

**2:9 –** Deus permitiu que os portões de Jerusalém fossem arrombados e que as dobradiças e trancas fossem despedaçadas pelos babilônios. A expressão *"entre as nações onde já não vigora a lei"* se refere ao exílio, conforme 2 Reis 24:8-17; 25:11,25-26 – o rei e os príncipes foram exilados. A lei se refere à instrução dada pelo sacerdote (Deuteronômio 17:8-13), colocada em paralelismo com a visão dos profetas (conforme Jeremias 18:18). Não havia mais nenhum sacerdote realmente dedicado a Deus para ensinar e interpretar a lei da aliança, e o Senhor não estava se comunicando por profetas naquele momento. Desse modo, em Lamentações 2:9-10, foram mencionados todos os responsáveis pela condução do povo de Deus (rei, príncipes, sacerdotes, profetas e anciãos).

**2:10 –** Lamentações 2:9-10 mencionou todos os responsáveis pela condução do povo de Deus (rei, príncipes, sacerdotes, profetas e anciãos). Aqui foram referenciados especificamente os *"anciãos"* (os "líderes"). Sentar-se em terra, manter silêncio, lançar pó sobre a cabeça e usar trajes grosseiros, como o *"pano de saco"*, eram ações que demonstravam profunda angústia e lamentação. Essa era a situação desses anciãos. Da mesma forma, as donzelas de Jerusalém demonstraram profunda tristeza abaixando suas cabeças até o chão.

**Lamentações 2:11-12:** ***"{2:11} Com lágrimas se consumiram os meus olhos, a minha alma se agita; o meu coração se derramou de angústia por causa da calamidade da filha do meu povo, porque crianças e bebês desmaiam pelas ruas da cidade. {2:12} Perguntam às suas mães: 'O que temos para comer e beber?', ao mesmo tempo em que desfalecem como o ferido pelas ruas da cidade ou quando dão o último suspiro nos braços de sua mãe."***

**2:11 –** Lamentações 2:11-12 reflete uma emocionada lamentação. Mais uma vez as palavras do autor são de lamúria e sofrimento por causa da ruína de Jerusalém. Lágrimas enchiam seus olhos, a sua alma se agitava e o sentimento de angústia era grande. Até mesmo as crianças e bebês que permaneceram na cidade sofreram, sucumbindo nas ruas.

**2:12 –** As crianças e bebês que permaneceram em Jerusalém, enquanto desmaiavam nas ruas por causa da falta de mantimentos, perguntavam às suas mães o que tinham para comer e beber. Algumas morreram nas ruas da cidade como se tivessem sido feridas mortalmente e outras até mesmo morreram nos braços de suas mães.

**Lamentações 2:13-19:** ***"{2:13} O que posso lhe dizer? A quem você se assemelha, ó filha de Jerusalém? A quem posso compará-la, para lhe trazer consolo, ó virgem filha de Sião? Porque a sua calamidade é tão grande como o mar; quem poderá curá-la? {2:14} As visões que os seus profetas lhe anunciaram eram falsas e enganosas. Eles não expuseram a maldade do que você fazia, para restaurarem a sua sorte, mas anunciaram visões falsas, que a levaram ao cativeiro. {2:15} Todos os que passam pelo caminho zombam, batendo palmas, vaiam e balançam a cabeça diante da filha de Jerusalém. Perguntam: 'É esta a cidade que chamavam de Perfeição da Formosura, a alegria de toda a terra?' {2:16} Todos os seus inimigos abrem a boca contra você, vaiam, rangem os dentes e dizem: 'Nós acabamos com ela! Certamente este é o dia que esperávamos! Conseguimos! Esse dia chegou!' {2:17} O SENHOR fez o que tinha em vista; cumpriu a ameaça que pronunciou desde os dias da antiguidade. Derrubou sem dó nem piedade; deixou que os inimigos se alegrassem por causa de você e exaltou o poder dos seus adversários. {2:18} O coração do povo clama ao SENHOR. Ó muralha da filha de Sião, que as suas lágrimas corram como um ribeiro, de dia e de noite! Não descanse! Que a menina de seus olhos não pare de chorar! {2:19} Levante-se e clame de noite, no princípio das vigílias. Derrame, como água, o coração diante do SENHOR; levante a ele as mãos, pela vida de seus filhinhos, que desfalecem de fome nas esquinas de todas as ruas."***

**2:13 –** Lamentações 2:13-19 é um texto que se dirigiu à cidade. Com uma série de perguntas, o poeta reconheceu a gravidade da calamidade de Jerusalém. Nada havia para ser dito, não havia comparação para aquele

sofrimento, não havia como tentar trazer algum consolo. A ferida era grande como o mar, não havia quem pudesse curá-la.

**2:14 –** A expressão *"As visões que os seus profetas lhe anunciaram eram falsas e enganosas"* se refere ao fato de muitos profetas de Jerusalém não terem profetizado o que vinha da boca de Deus, mas o que vinha dos seus corações. Havia profetas corruptos que faziam o povo errar com visões falsas, cometendo adultério, andando com falsidade e fortalecendo mãos de malfeitores. Quando Jerusalém estava sendo alertada pelo Senhor quanto ao castigo por profetas verdadeiros, como Jeremias, os profetas corruptos diziam que haveria paz e que não viria mal algum. Uma passagem que ilustra bem esses pontos é Jeremias 23:9-17.

Os profetas verdadeiros alertavam o povo e colocavam a maldade à mostra com o intuito de fazer que o povo refletisse e se apartasse de sua maldade – isso poderia até mesmo fazer mudar o decreto de juízo da parte do Senhor contra a cidade. No entanto, a atitude dos profetas corruptos contribuiu para o castigo que culminou no cativeiro. A catástrofe não era inevitável: o reconhecimento do pecado a tempo e a conversão a Deus poderiam evitá-la, conforme Deuteronômio 30:2-3; Jeremias 5:31; 23:25-27; Ezequiel 13:10.

**2:15 –** Quando as pessoas passavam por Jerusalém zombando, batendo palmas, vaiando e balançando a cabeça, isso era para demonstrar desprezo e desdém para a cidade, a qual antes foi cheia de formosura e alegria (veja Salmo 48:2), especialmente nas épocas de Davi e Salomão. O contraste entre a época de glória da cidade e sua ruína era claro, sendo isso um alerta até mesmo para nações modernas: um país bonito e cheio de glória hoje pode não passar de um monte de entulho no futuro caso persista no caminho da iniquidade.

**2:16 –** "Abrir a boca" provavelmente passa a ideia de hostilidade, bestialidade, propensão a abocanhar ou de dar gargalhadas. "Vaiar" passa a ideia de desprezar e zombar. "Ranger os dentes" passa uma ideia de raiva, ódio. Assim, os inimigos de Jerusalém (os babilônios, talvez também os edomitas) aguardaram o dia em que veriam Jerusalém assolada, e esse dia chegou – foi o dia do castigo de Deus para seu povo.

**2:17 –** Deus vinha alertando tanto Israel quanto Judá há muito tempo acerca do juízo vindouro e das consequências que viriam se o povo apostatasse do Senhor. O povo persistiu no erro, desprezou os avisos, desprezou os profetas, desprezou o próprio Deus. Finalmente, tudo o que restou foi o julgamento. As nações pagãs foram constantemente um laço e incômodo aos hebreus, até o dia em que Deus cumpriu com a sentença. Os assírios destruíram o reino do norte/Israel, os babilônios destruíram o reino do sul/Judá, e então tudo o que restou foi uma Jerusalém destruída.

No original, a palavra *"poder"* da expressão *"exaltou o poder dos teus adversários"* aparece como "chifre". O chifre simboliza poder, portanto, "exaltar o poder (chifre)" significa "aumentar a força". Deus permitiu que esses adversários fossem muito mais fortes do que seu povo, aplicando a sentença por meio deles. O Senhor havia alertado Salomão, quando ele terminou a construção do templo, sobre a eliminação de Israel da terra que recebeu e sobre o desprezo que cairia sobre o próprio templo, e sobre a nação, caso o povo se desviasse dele, conforme 1 Reis 9:6-9.

**2:18 –** Lembrando-se do momento em que Jerusalém estava sitiada, o poeta afirmou que, tendo chegado a angústia da cidade, ela clamou a Deus. Muitas vezes, o ser humano precisa descer ao fundo do poço para verdadeiramente buscar o Senhor. O poder, posses, honras, reputação, etc., são todos transitórios. Quando essas coisas se vão, o que resta ao ser humano? Ele se torna como uma Jerusalém sitiada prestes a ser arrasada. A situação da cidade era tão triste que o poeta até mesmo chegou a ponto de dizer à muralha da cidade, antes uma das principais fontes de defesa, para chorar sem parar de forma que as lágrimas fossem suficientes para formar um ribeiro. A expressão *"a menina de seus olhos"* se refere à pupila, uma área bem sensível dos olhos. Em outras palavras, o autor falou para que as "lágrimas que brotam dos olhos da muralha" fossem incessantes por causa da triste situação da cidade.

**2:19 –** Os hebreus dividiam a noite em três vigílias: a primeira, do pôr do sol às 22 h; a segunda, das 22 h às 2 h; e a terceira, das 2 h até o amanhecer. "Levantar as mãos" era uma postura comum na oração. O poeta pediu para que os habitantes de Jerusalém erguessem a voz em oração a Deus já no início das vigílias, em tom de forte pranto e tristeza (*"Derrame, como água, o coração diante do SENHOR"*), pela vida de seus filhos, os quais desmaiavam e morriam nas ruas da cidade por causa da fome (veja Lamentações 2:11-12).

**Lamentações 2:20-22:** ***"{2:20} Vê, ó SENHOR, e considera a quem trataste assim! Será que as mulheres deviam comer o fruto de si mesmas, as crianças que elas tanto amam? Ou será que os sacerdotes e profetas deviam ser mortos no santuário do SENHOR? {2:21} 'Os jovens e os velhos jazem por terra pelas ruas; as minhas virgens e os meus jovens foram mortos à espada. Tu os mataste no dia da tua ira; fizeste matança sem dó nem piedade. {2:22} Convocaste de toda parte terrores contra mim, como se fosse um dia de festa; não houve quem escapasse ou ficasse com vida no dia da ira do SENHOR. Os filhos que tive e criei, o meu inimigo os consumiu.'"***

**2:20 –** O texto de Lamentações 2:20-22 muda o foco da cidade para Deus. Para não morrerem de fome durante o cerco de Jerusalém, algumas mães cozinharam e comeram os próprios filhos. Deus havia alertado o seu povo, ainda nos tempos de Moisés, sobre esse tipo de consequência em Deuteronômio 28:53, caso o povo apostatasse do Senhor. Na verdade, essa atrocidade acabava sendo comum nos cercos do mundo antigo. Quando Samaria foi sitiada por Ben-Hadade da Síria, a fome fez que uma situação como essa acontecesse (2 Reis 6:28-29). O profeta Jeremias também alertou o povo de Jerusalém sobre a fome terrível que viria no cerco da cidade em Jeremias 19:9. Deus avisou muitas vezes, o povo não deu importância, e eis que a situação terrível de fato veio. Então, o poeta clamou ao Senhor para que considerasse o sofrimento das mães que acabaram comendo suas crianças. O autor também perguntou se, em solo sagrado do santuário de Deus, o templo, deveriam ser mortos sacerdotes e profetas pelas mãos de pagãos, ou seja, se Deus permitiria tal ultraje. Tendo em vista o pecado do povo e seus avisos anteriores, Deus permitiu. As duas perguntas mostram o terror da situação que pairava sobre Jerusalém.

**2:21 –** Pelas ruas da cidade caíram tanto idosos como jovens, e moças e rapazes foram mortos pela espada dos inimigos. Os habitantes de Jerusalém morreram sem piedade no dia do acerto de contas que Deus tantas vezes predisse ao seu povo – avisos que foram negligenciados. Quando o castigo chegou, o Senhor não usou de sua misericórdia, assim como tinha avisado (Jeremias 16:5; Ezequiel 5:11; 7:9; 24:14).

O texto final do capítulo 2 (Lamentações 2:21-22) é incerto quanto a se o poeta realmente perdeu filhos e/ou pessoas próximas a ele, ou se ele mais uma vez personificou a cidade e falou sobre seus habitantes que foram mortos pelos adversários. A expressão *"as minhas virgens e os meus jovens"* pode aludir a moças e rapazes que poderiam ter sido familiares do autor ou que simplesmente foram habitantes da cidade de Jerusalém. No entanto, a conclusão de que se trata da cidade personificada lamentando pela morte de seus habitantes parece se encaixar melhor no contexto, especialmente quando considerado o verso 22.

**2:22 –** Em um dia de solenidade, há grande convocação e agrupamento de pessoas. No entanto, a convocação aqui foi para reunir terror. A ideia de ninguém escapar do dia da ira do Senhor também é vista em Jeremias 42:17-18; 44:14, passagens em que alguns do povo que restou na cidade assolada quiseram deixá-la para ir ao Egito, mas o Senhor disse para que não fizessem isso, ou sua ira iria alcançá-los. A expressão *"não houve quem escapasse ou ficasse com vida no dia da ira do SENHOR"* indica que não houve ninguém de Jerusalém que não estivesse sem algum tipo de consequência do castigo que sobreveio à cidade, sendo que, em muitos casos, a consequência foi a morte.

A expressão *"Convocaste de toda parte terrores contra mim"* pode ser entendida como os terrores da guerra sobrevindo contra o próprio autor ou contra a cidade de Jerusalém, a qual teria novamente sido personificada por ele. A expressão *"Os filhos que tive e criei"* pode significar três coisas: (1) o autor teve, literalmente, filhos; (2) eram pessoas próximas ao autor que teriam sido criadas por ele e que foram consideradas como filhos; ou (3) eram habitantes de Jerusalém que morreram durante sua queda. Tendo em vista essas considerações, se o autor do livro foi de fato o profeta Jeremias, provavelmente o texto descreveu, mais uma vez, a cidade de Jerusalém sendo personificada pelo autor e sofrendo as consequências dos horrores do ataque inimigo e a morte de seus habitantes (*"Os filhos que tive e criei"*). Isso porque Jeremias não foi casado, não teve filhos e não parece ter tido pessoas muito próximas a ele. Além disso, tendo em vista que o poeta personificou a cidade várias vezes no livro, a conclusão de que Lamentações 2:21-22 trata da cidade personificada lamentando a morte de seus habitantes parece se encaixar melhor no contexto.

## *A ESPERANÇA DA CONSOLAÇÃO*

**Lamentações 3:1-10:** ***"{3:1} Eu sou o homem que viu a aflição causada pela vara do furor de Deus. {3:2} Ele me levou e me fez andar nas trevas e não na luz. {3:3} Certamente ele voltou a sua mão contra mim, sem parar, todo o dia.***

***{3:4} Fez envelhecer a minha carne e a minha pele, e despedaçou os meus ossos. {3:5} Construiu rampas de ataque contra mim e me cercou de amargura e dor. {3:6} Ele me faz habitar na escuridão, como aqueles que morreram há muito tempo. {3:7} Cercou-me de um muro, e já não posso sair; prendeu-me com pesadas correntes. {3:8} Mesmo quando clamo e grito, ele fecha os ouvidos à minha oração. {3:9} Fechou os meus caminhos com blocos de pedra, fez tortuosas as minhas veredas. {3:10} Foi para mim como um urso à espreita, como um leão pronto para atacar."***

**3:1 –** Nesse poema segue-se um arranjo alfabético triplo, de forma que as três linhas de cada estrofe começam com a mesma letra. Como os demais capítulos, o capítulo 3 revelou os sofrimentos pessoais do seu autor, que também falou como representante do povo. Também, a partir daqui o autor pareceu vacilar de forma aleatória entre o desespero e a esperança, mas o fio condutor de sua obra foi a forma como ele apresentou sua situação ao Senhor.

Essa terceira lamentação consta de três partes. A primeira demonstra os golpes da ira de Deus (Lamentações 3:1-20). A segunda mostra que Deus é bom, mas permite que as pessoas sofram (Lamentações 3:21-39). A terceira mostra que Deus socorre o seu povo arrependido e castiga os seus inimigos (Lamentações 3:40-66). Em Lamentações 3:1-24, foram empregados pronomes da primeira pessoa do singular ("eu", "me", "meu", "minha"). Pode ser que o poeta estivesse falando sobre a sua experiência, ou então ele falou em nome de cada pessoa que lamentou a destruição de Jerusalém.

Aqui, o autor declarou que ele viu a aflição que o Senhor causou. Pode ser também que ele estivesse falando em nome de outra pessoa que presenciou isso. A *"vara do furor de Deus"* indica que as desgraças e os sofrimentos dos judeus aconteceram por ordem de Deus, que castigou o seu povo (Lamentações 1:12; Jó 19:21; Salmo 32:4). O constante mau procedimento do povo, mesmo após ter sido avisado tantas vezes, enfureceu o Senhor. Varas tinham o propósito de castigar tendo em vista a correção. Está escrito em Provérbios 13:24: *"O que retém a vara odeia o seu filho; quem o ama, este o disciplina desde cedo."*

**3:2 –** Lamentações 3:2-20 descreve os "golpes" do Senhor para castigar Jerusalém e seu povo. Deus permitiu que o autor tivesse visto trevas, e não luz, como em Jó 19:8. Jerusalém persistiu no pecado e as trevas vieram. As trevas representam a punição, o juízo.

**3:3 –** "Voltar a mão contra" significa "estar contra alguém ou contra algo". Durante o tempo da aflição de Jerusalém, o Senhor dia após dia esteve contra os seus habitantes, continuamente. Encontramos a mesma ideia em Jó 7:16-17; Salmo 88:7,15-16.

**3:4 –** *"Fez envelhecer a minha carne e a minha pele, e despedaçou os meus ossos"* é uma figura de linguagem forte de um sentimento do autor que sugere a severidade do castigo, lembrando o que ocorreu com Jó em Jó 7:5; 30:30.

**3:5 –** *"Construiu rampas de ataque contra mim e me cercou de amargura e dor"* é outra forte figura de linguagem que demonstra como o Senhor se voltou contra seu povo, lembrando o que Jó disse em Jó 19:12. "Construir rampas de ataque contra" representa as técnicas usadas para passar por cima de muralhas durante o cerco em volta de Jerusalém, e *"amargura e dor"* representa o resultado desse cerco.

**3:6 –** *"Ele me faz habitar na escuridão, como aqueles que morreram há muito tempo"* é uma expressão que passa a ideia de que o cerco foi tão severo que, para quem estava em Jerusalém, é como se estivesse em regiões tão tenebrosas quanto o mundo dos mortos, em hebraico conhecido como *sheol* (Salmo 88:6; Salmo 143:3).

O *sheol* representa o estado de morte e, nesse sentido, todos aqueles que morrem fisicamente vão para lá, inclusive os antepassados de alguém, com acesso por meio do túmulo, isto é, da morte física. Ele é entendido também como sinônimo de morte física. O *sheol* nem sempre se refere ao mundo dos mortos, podendo ser também, simplesmente, a sepultura. A morte e o *sheol* frequentemente eram usados como metonímias para denotar calamidades na vida. Aqui o mundo dos mortos é referenciado como sendo uma região muito tenebrosa, tal como uma prisão de trevas inescapável para o ser humano, onde se encontram aqueles que morreram há muito tempo.

**3:7 –** A situação de Jerusalém foi comparada a uma prisão – uma analogia em que o autor não pôde sair do lugar porque Deus impediu a saída com um muro intransponível. Na analogia, a situação foi agravada porque o

Senhor, além do muro, usou *"pesadas correntes"* para prender. Pode ser observada uma ideia similar em Jó 3:23; 19:8.

**3:8 –** Embora houvesse clamores por misericórdia e gritos de angústia, o Senhor já tinha decidido não ter misericórdia até que o castigo de Judá e Jerusalém estivesse consumado. Uma situação similar é descrita em Jó 30:20.

**3:9 –** De maneira similar a Lamentações 3:7, aqui também aparece a ideia de restrição. Foi feita outra analogia em que os caminhos para escapar do castigo estavam barrados com blocos de pedra e eram tortuosos, o que impossibilitava a escapatória.

**3:10 –** A agonia da situação do autor foi comparada à sensação de que um urso ou um leão sempre pudesse estar próximo para atacar (como em Jó 10:16).

**Lamentações 3:11-20:** ***"{3:11} Desviou os meus caminhos e me fez em pedaços; depois me abandonou. {3:12} Entesou o seu arco e me pôs como alvo de suas flechas. {3:13} As flechas da sua aljava atingiram o meu coração. {3:14} Fui feito motivo de riso para todo o meu povo, e a sua canção de deboche o dia inteiro. {3:15} Fartou-me de amarguras, e me saciou de absinto. {3:16} Quebrou os meus dentes nas pedras, e cobriu-me de cinza. {3:17} Já não sei o que é ter paz e esqueci o que é desfrutar do bem. {3:18} Então eu disse: 'Não tenho mais forças. A minha esperança no SENHOR acabou.' {3:19} Lembra-te da minha aflição e do meu andar errante, do absinto e da amargura. {3:20} Minha alma continuamente se lembra disso e se abate dentro de mim."***

**3:11 –** Continuam a ser narrados os "golpes" do Senhor contra Jerusalém e seu povo. O poeta fez uma analogia em que o Senhor desviou dele os caminhos que poderiam livrá-lo do sofrimento, despedaçando-o em seguida. Depois, ele se sentiu abandonado pelo Senhor.

**3:12 –** Foi feita outra analogia para descrever o sofrimento do castigo: Deus tinha um arco em mãos e mirou suas flechas no autor. Há uma ideia similar em Jó 16:12-13.

**3:13 –** Prosseguindo com a analogia do versículo anterior, as flechas tiradas da aljava de Deus e disparadas por meio de seu arco atingiram o coração do autor. Na linguagem bíblica, o coração é o centro do espírito humano, do qual *"procedem as fontes da vida"* (Provérbios 4:23). Os israelitas empregavam os termos para "mente" e "coração" (literalmente, "coração" e "rins") praticamente como sinônimos (porém "coração" muito mais vezes), de forma que esses termos se referissem ao âmago da vida consciente do ser humano. "Sondar as mentes e os corações" era uma expressão convencional do exame que Deus faz do caráter e dos motivos ocultos do ser humano (Jeremias 11:20; 17:10; 20:12).

**3:14 –** Conforme as advertências de Moisés para o povo sobre as consequências do afastamento do Senhor em Deuteronômio 28:30, Jerusalém e seus habitantes não passaram de motivo de escárnio e de canções de zombaria, e o poeta foi zombado até mesmo diante dos outros do seu povo, assim como Jó em Jó 30:9. Há ideias similares também no Salmo 69:10-12 e em Jeremias 20:7.

**3:15 –** Por causa da amargura que sentiu, o autor descreveu seu sentimento como se tivesse sido farto de *"amarguras"* e saciado de *"absinto"*, ou seja, é como se ele tivesse ingerido ervas amargas até seu limite (veja Jeremias 9:15). A mesma expressão hebraica aparece em Jó 9:18 e remete ao significado das ervas comidas durante a Páscoa (Êxodo 12:8).

**3:16 –** O autor usou uma figura de linguagem para demonstrar sua dor, como se o Senhor tivesse feito os dentes dele se quebrarem por ele ter que mastigar pedriscos. Além disso, à semelhança de Jó em Jó 30:19, "ser coberto de cinza" significa algo como "ser pisoteado em meio ao pó", uma expressão que passa a ideia de tornar-se totalmente massacrado, insignificante e esquecido.

**3:17 –** A *"paz"*, em hebraico *shalom*, entendida no sentido bíblico do termo, não comporta somente a ausência de guerra, mas também prosperidade, bem-estar coletivo e existência vivida em plenitude – a paz com Deus. Alguns textos destacam de modo especial a relação entre a paz e a justiça (Salmo 85:10; Isaías 9:7; Zacarias

8:16). Aqui foi retratada uma ausência dessa paz e, como consequência, não foi possível para o poeta nem mesmo lembrar do que era *"desfrutar do bem"*.

**3:18 –** Com todas essas figuras de linguagem fortes, a angústia do poeta foi tão grande que parecia que o término de sua força e de sua alegria era certo. Ainda mais, até mesmo sua esperança no Senhor parecia ter-se extinguido. No entanto, ele claramente mostrou adiante que a esperança em Deus de fato não morreu (Lamentações 3:21-50). Assim, há duas explicações para o fato de o poeta ter afirmado que sua esperança no Senhor se extinguiu:

- O poeta pode ter apenas feito um desabafo, sentindo-se tão derrotado que chegou a dizer que perdeu a esperança em Deus. No entanto, fez isso apenas para descrever seu sentimento, e não como sua verdadeira convicção. Diante de uma situação desesperadora, é comum que as pessoas afirmem que perderam todas as esperanças, inclusive esperanças em Deus. No entanto, o único em que verdadeiramente se pode depositar a esperança é Deus. Se a esperança nele de fato se esvair, nenhuma esperança restará;

- O poeta, quando disse que sua esperança em Deus pereceu, se referiu à perda da esperança em receber tudo de bom que viria do Senhor até o castigo ser completado, como as bênçãos prometidas ao povo de Israel se o povo permanecesse fiel. Essa opção parece se encaixar melhor no contexto. O povo de Deus pecou e persistiu no pecado, então veio o juízo – assim, nada mais de bênçãos até o castigo ser consumado.

**3:19 –** Em algumas versões da Bíblia, como na Nova Almeida Atualizada e na Almeida Corrigida e Atualizada, o versículo se inicia com *"Lembra-te"*. Em outras versões, como a Nova Versão Internacional, o versículo inicia com "Lembro-me". Assim, o poeta pode ter se dirigido a Deus ou pode simplesmente ter lembrado das memórias ruins de uma forma bem vívida.

Se considerarmos que o autor estava dirigindo sua lamentação ao Senhor, ele vacilou entre o desespero e a esperança. Em Lamentações 3:18, ele havia afirmado: *"Não tenho mais forças. A minha esperança no SENHOR acabou"*, mas aqui afirmou *"Lembra-te da minha aflição e do meu andar errante, do absinto e da amargura."* Ou seja, o autor pode ter se dirigido a Deus pedindo que ele lembrasse da situação terrível de aflição, amargura, pesar, e de um sentimento de desolação, o qual faz andar sem rumo – sentimentos que sobrevieram tanto contra o poeta quanto contra Jerusalém e seus habitantes.

Se considerarmos que o poeta estava lembrando do terrível mal que sofreu, ele o fez de uma forma bem vívida, lembrando com detalhes de sua aflição, amargura, pesar, e de seu sentimento de desolação que o fez caminhar sem rumo.

**3:20 –** Continuando a ideia do versículo anterior, a situação terrível foi complementada com o fato de a alma do poeta se abater dentro dele quando ele se lembrava de tudo o que passou. Mesmo depois de os ataques terem encerrado e a cidade ter caído, as lembranças assombravam o autor do livro de uma maneira vívida.

**Lamentações 3:21-24:** ***"{3:21} Quero trazer à memória o que pode me dar esperança. {3:22} As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; {3:23} renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade. {3:24} 'A minha porção é o SENHOR', diz a minha alma; 'portanto, esperarei nele.'"***

**3:21 –** Diante de tantas más lembranças e da assolação que Jerusalém se tornou, o autor afirmou que queria se lembrar do que poderia trazer esperança a ele. A sua esperança no Senhor ainda persistiu, e isso foi constatado nos versículos a seguir.

**3:22 –** Mesmo diante de todo sofrimento e castigo, o poeta admitiu que o povo judeu não foi exterminado de vez por causa das misericórdias de Deus. Estendendo o princípio desse versículo, temos uma aplicação geral para todo o ser humano que peca. O salário do pecado é a morte (Romanos 6:23), então o Senhor seria perfeitamente justo em aplicar a punição imediatamente. No entanto, ele não deseja que ninguém pereça, mas que se todos se arrependam e vivam (Ezequiel 18:23,32; 1 Timóteo 2:4; 2 Pedro 3:9). Deus é grande em misericórdia e

fidelidade (Êxodo 34:6-7; Salmo 136) – sua misericórdia não tem fim para aquele que persiste em se voltar a ele e fazer sua vontade. Os seres humanos estão vivos agora por causa da misericórdia de Deus.

**3:23 –** As misericórdias de Deus se renovam frequentemente (*"renovam-se a cada manhã"*). Todos aqueles que o buscam, por mais aflitos que estejam, têm um refúgio nele. A fidelidade do Senhor é tão grande quanto sua misericórdia, pois ele sempre cumprirá o que disse. Ele disse que terá misericórdia daquele que o buscar verdadeiramente (Jeremias 29:13). Ele é fiel para fazer isso sempre.

**3:24 –** Em forte contraste com sua atitude derrotada em Lamentações 3:18, o poeta se fortaleceu quando sua própria alma disse que Deus é sua porção (Salmo 16:5; 119:57). Deus foi o que ele teve de mais importante. Por isso, ele decidiu esperar em Deus. Está escrito no Salmo 27:14: *"Espere no SENHOR. Anime-se, e fortifique-se o seu coração; espere, pois, no SENHOR."*

**Lamentações 3:25-27:** ***"{3:25} O SENHOR é bom para os que esperam nele, para aqueles que o buscam. {3:26} Bom é aguardar a salvação do SENHOR, e isso, em silêncio. {3:27} Bom é para o homem suportar o jugo na sua mocidade."***

**3:25 –** O Senhor se revela como um pai amoroso para aqueles que esperam nele e que o buscam verdadeiramente. Isaías 30:18 afirma: *"Por isso, o SENHOR espera, para ter misericórdia de vocês, e se levanta, para se compadecer de vocês, porque o SENHOR é Deus de justiça. Bem-aventurados todos os que nele esperam."*

**3:26 –** O autor, apesar de sua situação terrível, afirmou que aguardar a salvação do Senhor é uma coisa boa. De fato, o único que verdadeiramente traz alento ao ser humano é Deus. Provavelmente, a expressão *"em silêncio"* significa "sem murmurar" ou "sem reclamar". O próprio Deus é paciente e longânimo, mesmo com a humanidade que frequentemente vira as costas para ele. Devemos aprender com a atitude de Deus.

**3:27 –** O poeta afirmou que é bom sofrer repreensão ou castigo (simbolizado pela expressão *"suportar o jugo"*) ainda durante a juventude para que um caráter íntegro possa ser formado o mais rápido possível. Bem-aventurado é aquele que é disciplinado por Deus (Salmo 94:12; 119:71). É melhor para o ser humano aprender a disciplina ainda jovem do que aprender depois de velho – é como um bom pai que cedo disciplina o filho (Provérbios 13:24). Ao aprenderem cedo, os jovens podem se dedicar melhor ao Senhor, e também por mais tempo de suas vidas.

**Lamentações 3:28-30:** ***"{3:28} Que ele se assente solitário e fique em silêncio, porque esse jugo Deus pôs sobre ele. {3:29} Ponha a sua boca no pó; talvez ainda haja esperança. {3:30} Dê a face ao que o fere e suporte todas as afrontas."***

**3:28 –** A questão aqui é similar a Jeremias 15:17: *"Nunca me assentei na roda dos que se divertem, nem me alegrei. Oprimido por tua mão, eu me assentei solitário, pois me encheste de indignação."* A ideia é não se ajuntar onde há "festa" e "alegria" para esquecer os problemas, mas separar um tempo para estar sozinho e refletir profundamente, aceitar a repreensão que vem do Senhor, e aprender uma valiosa lição de vida. Há um princípio similar em Eclesiastes 7:2: *"Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete, pois naquela se vê o fim de todas as pessoas; e que os vivos o tomem em consideração."*

**3:29 –** A expressão *"Ponha a sua boca no pó"* evoca a imagem de se curvar totalmente a ponto de a boca encostar no chão – uma demonstração de humilde submissão a Deus. Quando uma pessoa demostra arrependimento, humildade e submissão a Deus, ele pode se compadecer dela e até mesmo mudar sua situação para melhor (*"talvez ainda haja esperança"*), embora não seja garantido que o Senhor faça isso.

**3:30 –** A ideia de sofrer o dano reitera o que Jesus Cristo disse em Mateus 5:39: *"Eu, porém, lhes digo: não resistam ao perverso. Se alguém lhe der um tapa na face direita, ofereça-lhe também a face esquerda."* Isaías 50:6 afirma: *"Ofereci as costas aos que me batiam e o rosto aos que me arrancavam a barba; não escondi o rosto dos que me afrontavam e cuspiam em mim."* Mesmo sofrendo castigo, o poeta não desejou retaliação, mas esperou no Senhor e aceitou a repreensão (Lamentações 3:25-30). Retrucar não iria ajudar em nada a sua situação – a justiça deve ser deixada nas mãos do Senhor. A ideia é não se importar muito com as afrontas, não deixar que elas gerem ódio ou rancor. Sabendo disso, o poeta disse *"Dê a face ao que o fere e suporte todas as afrontas"*, não no sentido de que se deve buscar

sofrer injustamente, mas no sentido de aceitar uma afronta ou sofrer um dano para não piorar uma situação e, então, aprender com isso, não gerando ódio ou rancor, e nem buscando vingança com as próprias mãos, deixando a justiça nas mãos de Deus.

**Lamentações 3:31-36:** ***"{3:31} O SENHOR não rejeitará para sempre. {3:32} Ainda que entristeça alguém, terá compaixão segundo a grandeza das suas misericórdias. {3:33} Porque não aflige nem entristece de bom grado os filhos dos homens. {3:34} Pisar debaixo dos pés todos os prisioneiros da terra, {3:35} perverter o direito do homem diante do Altíssimo, {3:36} subverter a justiça num processo — será que o SENHOR não veria tais coisas?"***

**3:31 –** Em Lamentações 3:31-36, foi apresentada uma consolação para servos sofredores de Deus. O Senhor não rejeita para sempre os seus servos que sofrerem sua disciplina (Salmo 30:5; Isaías 54:7-8; 60:10).

**3:32 –** Mesmo que o Senhor chegue a entristecer alguém por aplicar disciplina, sempre usará de compaixão, pois é grande em misericórdias.

**3:33 –** Deus não tem prazer algum em castigar e afligir a humanidade, muito menos seu povo escolhido (Jeremias 32:41-42). Contudo, isso é necessário, uma vez que o ser humano tende a buscar mais a Deus durante o sofrimento, além de precisar de disciplina. É para o bem que seus filhos são repreendidos (Atos 14:22; 2 Coríntios 4:17).

**3:34 –** Aqui se inicia uma pergunta com o intuito de demonstrar que o Senhor vê as injustiças que ocorrem em nossas vidas (Lamentações 3:36). Não veria o Senhor aqueles que pisam debaixo de seus pés *"os prisioneiros da terra"?* A expressão *"Pisar debaixo dos pés a todos os prisioneiros da terra"* lembra sobre o tratamento dispensado pelos babilônios contra a Jerusalém sitiada, quando a invadiram em 586 a.C. O povo estava oprimido e literalmente preso dentro da cidade durante o cerco e, também, se tornou prisioneiro no exílio para a Babilônia.

**3:35 –** Não veria Deus a perversão dos direitos do homem? Negar a alguém os seus direitos é fazer injustiça, e Deus não se agrada de injustiças.

**3:36 –** Não veria o Senhor a subversão da justiça em um processo? Certamente, Deus não se agrada que a justiça seja torcida em qualquer processo.

**Lamentações 3:37-39:** ***"{3:37} Quem é aquele que diz, e assim acontece, sem que o SENHOR o tenha ordenado? {3:38} Por acaso, não é da boca do Altíssimo que procedem tanto o mal como o bem? {3:39} Por que se queixa o homem? Queixe-se cada um dos seus próprios pecados."***

**3:37 –** Há uma mudança de foco aqui para o poder e autoridade de Deus. Não há quem possa falar e fazer acontecer se o Senhor não tiver permitido. Deus é quem tem a última palavra sobre o que pode acontecer, e não o ser humano.

**3:38 –** As coisas boas procedem de Deus (Tiago 1:17). O mal, no sentido de trazer punição, julgamento, castigo ou disciplina, também procede do Senhor. Não se trata do mal no sentido da prática de pecado, iniquidade e/ou perversidade – Deus odeia isso (Salmo 5:4-5). A mesma ideia é encontrada em Isaías 45:7 e Jó 2:10.

**3:39 –** A desobediência do ser humano em relação à Palavra de Deus é o que o perverte e traz a ele consequências ruins, e não o Senhor. Contudo, há pessoas que culpam Deus, quando deveriam culpar seus próprios pecados (Provérbios 19:3; Miqueias 7:9).

**Lamentações 3:40-47:** ***"{3:40} Examinemos bem os nossos caminhos e voltemos para o SENHOR. {3:41} Levantemos o coração, juntamente com as mãos, para Deus nos céus, dizendo: {3:42} 'Nós pecamos e fomos rebeldes, e tu não nos perdoaste. {3:43} Cobriste-nos de ira e nos perseguiste; nos mataste sem dó nem piedade. {3:44} De nuvens te encobriste para que a nossa oração não passe. {3:45} Como lixo e refugo nos puseste no meio dos povos. {3:46} Todos os nossos inimigos abriram a boca contra nós. {3:47} Sobre nós vieram o temor e a cova, a desolação e a ruína.'"***

**3:40 –** A última parte do poema (Lamentações 3:40-3:66) começa aqui, tendo como foco o fato de que Deus socorre o seu povo arrependido e castiga os seus inimigos. Especificamente, o poeta exortou a si mesmo, o povo, e o leitor, para que fosse tomado o primeiro passo para a redenção: cada um precisa examinar a si mesmo e verificar como tem procedido. É a ideia de cada um pôr à prova sua própria maneira de ser diante do padrão de Deus, fazer uma avaliação sincera, e se dirigir a Deus com a decisão de mudar o que está errado. No caso do povo de Judá e Jerusalém, muita coisa estava errada, razão pela qual veio o castigo. Felizmente, conforme Isaías 55:7, Deus é rico em perdoar: *"Que o ímpio abandone o seu mau caminho, e o homem mau, os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar."*

**3:41 –** A expressão *"Levantemos o coração, juntamente com as mãos, para Deus nos céus"* significa ter uma atitude submissa, humilde e sincera diante de Deus antes de sequer dirigir palavras a ele. De nada adiantam palavras sem esse tipo de atitude.

**3:42 –** O poeta reconheceu o seu pecado e o pecado do povo diante do Senhor, conforme a avaliação realizada em Lamentações 3:40 e a atitude demonstrada em Lamentações 3:41. O autor exortou a confessar a verdade diante de Deus, confessar o pecado, como fez Daniel em Daniel 9:4-5: *"Orei ao SENHOR, meu Deus, e fiz a seguinte confissão: 'Ah! SENHOR! Deus grande e temível, que guardas a aliança e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos, nós temos pecado e cometido iniquidades. Procedemos mal e fomos rebeldes, afastando-nos dos teus mandamentos e dos teus juízos.'"* O autor também reconheceu que, com justiça, Deus não os perdoou quando chegaram os dias da angústia de Judá e Jerusalém. O castigo tinha que ser aplicado até o fim.

**3:43 –** Conforme o que havia afirmado anteriormente em Lamentações 2:2,17,21, o poeta prosseguiu com a ideia do final do versículo anterior, *"e tu não nos perdoaste"*, descrevendo a ira, a perseguição e a matança sem piedade contra o povo por parte dos babilônios, os quais tiveram a autorização de Deus para fazer isso. Tudo porque o povo de Judá e Jerusalém persistiu no caminho da perversidade e não deu ouvidos aos avisos de Deus.

**3:44 –** Quando chegou a hora do castigo, era tarde demais para pedir misericórdia e perdão. A Palavra de Deus foi constantemente rejeitada pelo povo, mas quando veio o "dia do Senhor", o povo orou, mas Deus não ouviu. É como se ele tivesse se envolvido em densas nuvens para que as orações fossem bloqueadas e não chegassem até ele. É a mesma ideia de Lamentações 3:8.

**3:45 –** O povo escolhido de Deus foi, naquele momento, rejeitado pelo Senhor, como se ele o tivesse colocado como algo insignificante diante dos povos pagãos, como se fosse *"lixo e refugo"*.

**3:46 –** Os povos pagãos inimigos, ao verem a nação de Judá como algo insignificante que não podia se defender, *"abriram a boca"* contra ela para a insultar, maldizer e até "devorar", ou seja, vê-la destruída e ofendida, conforme Lamentações 2:16.

**3:47 –** Como resultado, o povo sofreu temor e também veio sobre ele morte, desolação e ruína. *"Temor"*, *"cova"*, *"desolação"* e *"ruína"* são características utilizadas na Bíblia para descrever um "dia do Senhor", um dia de acerto de contas contra uma nação ou povo, como em Isaías 24:17; 51:19; Jeremias 48:43.

**Lamentações 3:48-51:** ***"{3:48} Dos meus olhos correm rios de lágrimas, por causa da destruição da filha do meu povo. {3:49} Os meus olhos choram, não cessam, e não há descanso, {3:50} até que o SENHOR atenda e veja lá do céu. {3:51} O que vejo entristece a minha alma: o sofrimento de todas as filhas da minha cidade."***

**3:48 –** O poeta, como em Lamentações 2:11, falou palavras de lamúria e sofrimento por causa da ruína de Jerusalém e de seu povo, a ponto de comparar sua tristeza com *"rios de lágrimas"*, como em Jeremias 9:1; 14:17.

**3:49 –** Como em Lamentações 1:16, a tristeza do poeta foi muito profunda. Era como se seus olhos não pudessem parar de chorar, e não haveria descanso dessa tristeza até que o Senhor atendesse a súplica (Lamentações 3:50). Ele esperou pelo auxílio de Deus, mas sofreu enquanto a súplica não foi atendida.

**3:50 –** Não haveria descanso da tristeza (Lamentações 3:49) até que o Senhor, lá do céu onde está, atendesse a súplica e voltasse novamente seus olhos para o povo. Isaías 63:15 descreve uma situação similar.

**3:51 –** Assim como em Lamentações 2:11; 3:48, mais uma vez o autor falou de sua profunda tristeza. Enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto, ele observava uma das maiores razões para o seu pranto: seu coração estava quebrado por causa das condições horríveis da cidade e de suas *"filhas"*, ou seja, as mulheres de Jerusalém. Elas viram suas crianças e bebês desmaiarem e morrerem nas ruas por causa da falta de mantimentos, sendo que algumas crianças até mesmo morreram nos braços das mães (Lamentações 2:12). Algumas mães acabaram tendo que comer suas próprias crianças por causa da fome intensa (Lamentações 2:20). Mulheres de Judá e Jerusalém também foram violentadas pelos inimigos (Lamentações 5:11).

**Lamentações 3:52-54:** ***"{3:52} Aqueles que sem motivo são meus inimigos caçaram-me como se eu fosse uma ave. {3:53} Lançaram-me vivo numa cova e atiraram pedras sobre mim. {3:54} Águas correram sobre a minha cabeça; então eu disse: 'Estou perdido!'"***

**3:52 –** Em Lamentações 3:52-54, foram descritas duas analogias que enfatizam a crueldade dos inimigos. Na primeira, o poeta comparou a si mesmo e sua nação a uma ave que foi caçada e que caiu nas mãos dos caçadores (no caso, os babilônios). O povo de Jerusalém não deu motivos para que os babilônios fossem seus inimigos, e nem para que o tratassem com tamanha crueldade, como ocorreu. Porém, como o próprio poeta reconheceu anteriormente, a nação pecou gravemente contra Deus (Lamentações 3:42) e sofreu consequências que Deus tinha avisado ao povo há muito tempo.

A frase empregada pelo poeta em hebraico é *oyeb, tsuwd, tsuwd.* Nota-se imediatamente a dupla utilização da palavra *tsuwd.* A primeira palavra, *oyeb,* significa "inimigo" e implica tanto em inimigos pessoais quanto em inimigos nacionais. A segunda palavra, *tsuwd,* significa "caçar" ou "caçar avidamente", e foi repetida duas vezes. Essa repetição ocorreu porque o autor desejou, enfaticamente, que seus leitores conhecessem o grau de crueldade em que os inimigos de Jerusalém tinham procedido.

**3:53 –** Prosseguindo com a ideia da crueldade dos inimigos demonstrada no versículo anterior, o poeta demonstrou por meio de uma segunda analogia que eles, de fato, tinham a intenção de oprimir. De maneira similar ao que aconteceu a José quando foi jogado em uma cisterna por seus irmãos (Gênesis 37:20-24), era como se os inimigos jogassem cada habitante de Jerusalém em uma cova, e ainda atirassem pedras neles.

**3:54 –** Na analogia descrita no versículo anterior, como se já não bastasse a crueldade dos inimigos em jogar pessoas em uma cova e apedrejá-las, ainda não se deram por satisfeitos. Resolveram então encher a cova de água. É bem compreensível que uma pessoa, depois de ter sido jogada em uma cova e apedrejada, ao sentir escoar sobre a cabeça a água que vai encher a cova, pensasse que o fim chegou e se entregasse ao desespero. Foi essa a sensação que o poeta quis transmitir em sua segunda analogia.

**Lamentações 3:55-59:** ***"{3:55} Da mais profunda cova, SENHOR, invoquei o teu nome. {3:56} Ouviste a minha voz, quando pedi: 'Não feches os teus ouvidos aos meus lamentos, ao meu clamor.' {3:57} No dia em que te invoquei, chegaste perto de mim e disseste: 'Não tenha medo.' {3:58} Defendeste a minha causa, SENHOR; remiste a minha vida. {3:59} Viste, SENHOR, a injustiça que me fizeram; julga a minha causa."***

**3:55 –** A partir daqui o final do poema se dedica a um pedido por justiça divina contra os inimigos, por causa da crueldade deles. Usando a analogia da cova sendo enchida de água do versículo anterior, em situação desesperadora, o autor, representando o povo, clamou a Deus por auxílio. Encontramos a mesma ideia no Salmo 69:2-3; 130:1-2; Jonas 2:3-6.

**3:56 –** O poeta sabia que Deus ouve todas as coisas, e ele sabia que foi ouvido quando clamou por auxílio na analogia da cova (Lamentações 3:53-54). Mas o poeta também sabia que Deus pode não conceder um pedido, como se ele não o quisesse ouvir. De fato, na hora do castigo de Jerusalém, foi o que Deus fez – ele não ouviu o clamor do povo até que o castigo tivesse sido aplicado até o fim. Portanto, o pedido do autor foi complementado pela expressão *"Não feches os teus ouvidos aos meus lamentos, ao meu clamor."*

**3:57 –** Em diversas outras ocasiões passadas descritas na Bíblia (inclusive após castigos), o povo se arrependeu e voltou ao Senhor. Deus não despreza o coração que verdadeiramente deseja se converter do mal, como está descrito em Tiago 4:8: *"Cheguem perto de Deus, e ele se chegará a vocês. Limpem as mãos, pecadores! E vocês que são indecisos, purifiquem o coração."* O nome do Senhor, nessas ocasiões, foi invocado, e ele ouviu, como se dissesse

*"Não tenha medo"* (veja Isaías 41:10). Aqui o poeta falou em nome do povo, tendo fé que Deus ouviu suas súplicas, assim como ele ouviu no passado quando a nação arrependida clamou.

**3:58 –** Prosseguindo com a ideia do versículo anterior, o autor teve fé que o Senhor defendeu a causa do povo de Jerusalém e que o remiu, mesmo não tendo observado isso ocorrer ainda. Ele fundamentou essa fé nos tempos passados, uma vez que o Senhor lutou várias vezes a favor da nação e a remiu, defendendo-a dos inimigos e trazendo paz para ela. Isso foi notório na época do Livro de Juízes.

**3:59 –** Com a esperança fundamentada no que ocorreu no passado, o poeta, falando em nome do povo, pediu que Deus observasse a injustiça que os inimigos tinham causado e que ele os julgasse. Ele reconheceu anteriormente que Jerusalém mereceu o castigo (Lamentações 3:40-42). Porém, o contexto indica que o inimigo foi demasiadamente cruel, como demonstra o texto em Lamentações 3:51-54. Essa foi a injustiça que o autor quis que fosse julgada por Deus.

**Lamentações 3:60-66:** ***"{3:60} Viste toda a sua vingança, todos os seus planos contra mim. {3:61} Ouviste as suas afrontas, SENHOR, todos os seus planos contra mim, {3:62} as acusações que me fazem e o que murmuram contra mim, o dia todo. {3:63} Observa-os quando se assentam e quando se levantam; eu sou motivo de zombaria para eles. {3:64} Tu, SENHOR, lhes retribuirás segundo a obra das mãos deles. {3:65} Tu lhes darás dureza de coração, que é a tua maldição sobre eles. {3:66} Na tua ira, os perseguirás, e eles serão eliminados de debaixo dos céus do SENHOR."***

**3:60 –** Continuando a ideia do versículo anterior, o autor enfatizou que a ação dos inimigos foi cruel e que eles continuamente tinham pensamentos de fazer o mal contra o povo. O poeta teve fé que Deus faria justiça contra eles.

**3:61 –** Deus sempre soube quais eram os pensamentos dos inimigos e ouviu seus insultos contra seu povo, e o autor afirmou isso como evidência do mau procedimento deles e da onisciência do Senhor.

**3:62 –** O poeta também sabia que as acusações e murmurações dos adversários contra o povo de Judá e Jerusalém estavam sendo ouvidos pelo Senhor.

**3:63 –** Até mesmo o sentar e o levantar dos inimigos era observado por Deus, bem como as canções que cantavam com objetivo de zombar do povo. O autor estava certo da onisciência de Deus.

**3:64 –** O poeta teve fé na onisciência de Deus e sabia que todo o mau procedimento desses inimigos contra o povo de Judá e Jerusalém estava evidente diante do Senhor (conforme Lamentações 3:60-63). Assim, mais uma vez, o autor fez um clamor para que a justiça do Senhor fosse aplicada contra eles, assim como em Lamentações 3:59.

Lamentações 3:64-66 pode ser entendido como uma oração de imprecação contra os adversários. O autor pediu que o Senhor desse a justa retribuição aos inimigos *"segundo a obra das mãos deles"* (veja 2 Timóteo 4:14) – ele deixou a justiça nas mãos de Deus e não buscou vingança por conta própria (Lamentações 1:21; Salmo 137:8; 1 Pedro 2:23).

**3:65 –** Como os inimigos persistiram em manter um coração perverso, o poeta pediu para que Deus deixasse que eles permanecessem no mau caminho que tanto quiseram. Assim, eles sofreriam a *"maldição"* da *"dureza de coração"*, tendo seus corações endurecidos, assim como foi o coração do faraó que não quis deixar Moisés levar o povo para fora do Egito (Êxodo 11:10). Corações endurecidos são uma "maldição" no sentido de que impossibilitam a salvação dos pecadores. Infelizmente, é assim que muitos pecadores querem que seja, e Deus os deixa ter o que querem. Deus não salvará aqueles que testificam com as ações em suas vidas que não querem ser salvos.

**3:66 –** Encerrando o poema de Lamentações 3, o autor pediu para que chegasse o dia do Senhor contra esses inimigos, para que fossem perseguidos e eliminados de debaixo dos céus, os quais pertencem a Deus. Se Deus está nos céus, e os céus pertencem a ele, obviamente Deus é muito maior do que os adversários do seu povo e tem autoridade para pôr um fim em suas maldades.

*O CONTRASTE ENTRE PASSADO E PRESENTE*

**Lamentações 4:1-2:** ***"{4:1} Como se escureceu o ouro! Como o ouro refinado perdeu o seu brilho! Como estão espalhadas as pedras do santuário pelas esquinas de todas as ruas! {1:2} Os nobres filhos de Sião, comparáveis a ouro puro, agora são tratados como simples objetos de barro, obra das mãos de oleiro!"***

**4:1 –** O quarto poema de lamentação descreve o triste estado a que se viram reduzidos os habitantes de Jerusalém durante o cerco. Isso em paralelo com a lembrança da glória e felicidade da cidade em outras épocas. É bem aparente que esse lamento por causa da conquista de Jerusalém pelos babilônios foi escrito por alguém que havia sofrido com o longo cerco da cidade e a subsequente deportação de seu povo.

As *"pedras do santuário"*, ou "pedras santas" literalmente em hebraico, representam o povo judeu (Lamentações 4:2). Juntamente com o ouro puro e outros materiais raros e caros, os quais foram usados na construção e arremates artísticos do templo, essa expressão é uma poderosa figura de linguagem da descrição do alto e sagrado valor que Deus atribuiu a seu povo. Porém, o povo se entregou à sofrível desvalorização.

**4:2 –** Os *"filhos de Sião"* (habitantes de Jerusalém), chamados *"pedras do santuário"* ou "pedras santas" no versículo anterior, antes eram valiosos ao Senhor, assim como o ouro puro é valioso para as pessoas. Porém, estavam em uma triste situação. É como se seu valor de ouro decaísse ao valor de objetos de barro feitos por oleiro.

**Lamentações 4:3:** ***"{4:3} Até os chacais dão o peito, dão de mamar aos seus filhotes; mas a filha do meu povo tornou-se cruel como as avestruzes no deserto."***

**4:3 –** Até mesmo animais como os chacais sabem cuidar de seus filhos, mas os habitantes de Jerusalém durante o cerco tornaram-se cruéis como *"avestruzes no deserto"*. Para não morrerem de fome durante o cerco de Jerusalém, algumas mães chegaram a ponto de cozinhar e comer os próprios filhos (Lamentações 2:20; Deuteronômio 28:56-57; Ezequiel 5:10). Avestruzes foram usados como símbolos de pessoas que, a exemplo dessa ave, se descuidam dos filhos, uma vez que esses animais enterram os ovos na areia e vão embora, deixando-os desprotegidos (Jó 39:13-15).

**Lamentações 4:4-5:** ***"{4:4} A língua do bebê que mama fica pegada, pela sede, ao céu da boca; as crianças pedem pão, mas não há quem as alimente. {4:5} Os que se alimentavam de comidas finas desfalecem nas ruas; os que se criaram entre escarlate agora vivem entre montes de lixo."***

**4:4 –** Durante o cerco de Jerusalém, alimentos (*"pão"*) e água eram muito escassos (conforme 2 Reis 25:3; Jeremias 52:6). O autor demonstrou a gravidade da situação, afirmando que a língua dos bebês chegava a ponto de grudar no céu da boca por não haver água para beber. Crianças pediam por pão, mas não havia quem as alimentasse (Lamentações 2:11-12).

**4:5 –** O poeta fez uma descrição triste do estado a que se viram reduzidos até mesmo o rei e a nobreza (*"os que se criaram entre escarlate"*). Nem mesmo eles escaparam da fome e sede: *"desfalecem nas ruas"* e *"vivem entre montes de lixo"*, isto é, caíram pelas ruas e estiveram juntos a montes de cinzas ou destroços. Estar junto a cinzas ou destroços era também um sinal de luto e ruína.

**Lamentações 4:6-10:** ***"{4:6} Porque a maldade da filha do meu povo é maior do que o pecado de Sodoma, que foi destruída num momento, sem intervenção humana. {4:7} Os seus príncipes eram mais alvos do que a neve, mais brancos do que o leite; eram mais ruivos de corpo do que os corais e tinham a formosura da safira. {4:8} Mas agora o aspecto deles é mais escuro do que a fuligem; não são reconhecidos nas ruas. A sua pele grudou nos ossos, secou-se como a madeira. {4:9} Mais felizes foram as vítimas da espada do que as vítimas da fome; porque estas se definham atingidas mortalmente pela falta do produto dos campos. {4:10} As mãos das mulheres que antes eram compassivas cozinharam os seus próprios filhos; estes lhes serviram de alimento quando a filha do meu povo foi destruída."***

**4:6 –** A antiga cidade de Sodoma foi destruída *"num momento"* (Gênesis 19:24), em certo sentido sendo "poupada" do sofrimento de um cerco prolongado como o cerco de Jerusalém. A maldade de Sodoma se tornou proverbial há muito tempo (Deuteronômio 29:23; Jeremias 23:14), mas o autor reconheceu que a maldade do povo

de Deus chegou a superar os pecados de Sodoma. Se o povo foi ainda mais pecaminoso do que Sodoma, mas permaneceu por mais tempo e não foi destruído em *"um momento"*, chega-se à conclusão de que Deus decidiu ter misericórdia do povo. O salário do pecado é a morte (Romanos 6:23), e o Senhor seria perfeitamente justo em erradicar o pecador de imediato. Mas ele não tem prazer na morte de ninguém (Ezequiel 18:23,32; 1 Timóteo 2:4; 2 Pedro 3:9), e deu tempo para o povo se arrepender. Infelizmente, Judá e Jerusalém persistiram no caminho da iniquidade, abusando da misericórdia de Deus, e isso acabou sendo um pecado ainda pior do que o pecado de Sodoma.

**4:7 –** Foram usadas figuras de linguagem para descrever como os nobres de Jerusalém tinham beleza e glória antes do cerco (*"seus príncipes eram mais alvos do que a neve, mais brancos do que o leite; eram mais ruivos de corpo do que os corais e tinham a formosura da safira"*). O versículo a seguir fez um contraste com essa beleza e glória aqui descrita, mostrando como eles se tornaram depois do cerco.

**4:8 –** A situação decorrente do cerco fez que os nobres de Jerusalém, antes belos e gloriosos, definhassem, sendo isso constatado com figuras de linguagem que fazem contraste com as figuras do versículo anterior (*"o aspecto deles é mais escuro do que a fuligem; não são reconhecidos nas ruas. A sua pele grudou nos ossos, secou-se como a madeira"*). O sofrimento do cerco fez que eles nem sequer parecessem nobres.

**4:9 –** O sofrimento do cerco foi tão grande que o autor afirmou que aqueles que tinham morrido pelas armas do inimigo sofreram menos do que aqueles que definharam pela falta de mantimentos. As vítimas da fome morreram de forma lenta e torturante. As vítimas das armas morreram mais rápido.

**4:10 –** Para não morrerem de fome durante o cerco de Jerusalém, algumas mães cozinharam e comeram os próprios filhos (Lamentações 2:20; Deuteronômio 28:56-57; Ezequiel 5:10). O autor salientou a dor e o desespero de sua geração, observando que a morte pela fome foi lenta e torturante, diferentemente de morrer de forma mais rápida por meio das armas dos inimigos.

**Lamentações 4:11-12:** ***"{4:11} O SENHOR deu cumprimento à sua indignação, derramou o furor da sua ira; acendeu fogo em Sião, que consumiu os seus alicerces. {4:12} Nem os reis da terra, nem todos os moradores do mundo acreditavam que o adversário ou inimigo pudesse entrar pelos portões de Jerusalém."***

**4:11 –** O Senhor diversas vezes alertou o povo, o qual persistiu no mau caminho e não deu importância para seu Deus. O povo de Jerusalém, chamado a ser santo, fez até mesmo pior do que as nações pagãs ao seu redor. Deus tolerou o povo por um bom tempo, mas finalmente deu *"cumprimento à sua indignação"* com o castigo merecido. Veio o "dia do Senhor" sobre Jerusalém, o dia de sua ira que é ardente como fogo. A mesma ideia é encontrada em Jeremias 7:20; 21:14.

**4:12 –** Quem diria que Jerusalém, *"a cidade de Deus, o santuário das moradas do Altíssimo"* (Salmo 46:4) e a cidade do grande rei Davi, algum dia seria invadida e profanada pelos adversários? Jerusalém era a cidade escolhida pelo Deus invencível, porém, mesmo assim, por causa do pecado constante do povo, o mesmo Deus que protegia Jerusalém a entregou aos babilônios e rejeitou seu santuário. Era difícil para aqueles que conheceram sobre o poder do Deus vivo (Salmo 48:4-7) imaginar que tal coisa aconteceria, mas aconteceu.

Esse exemplo demonstra um alerta claro das Escrituras: o povo de Judá e a cidade de Jerusalém foram escolhidos por Deus, mas os infiéis entre eles foram rejeitados e pereceram. Da mesma forma, cristãos são escolhidos de Deus (Efésios 1:4; 1 Pedro 2:9), porém, se forem vencidos pelo pecado, também serão rejeitados (Romanos 11:22; 2 Timóteo 2:12; Hebreus 6:4-6; 2 Pedro 2:20-22).

**Lamentações 4:13-16:** ***"{4:13} Tudo isso aconteceu por causa dos pecados dos seus profetas e por causa das maldades dos seus sacerdotes, que derramaram no meio dela o sangue dos justos. {4:14} Vagueiam como cegos pelas ruas, andam contaminados de sangue, de maneira que ninguém pode tocar na roupa deles. {4:15} E o povo grita: 'Afastem-se, impuros! Afastem-se, afastem-se, não toquem em nada!' Quando fugiram e andaram errantes, dizia-se entre as nações: 'Aqui eles não podem morar.' {4:16} A ira do SENHOR os espalhou; ele já não dá atenção a eles. Não respeitaram os sacerdotes, nem se compadeceram dos anciãos."***

**4:13 –** Os pecados dos profetas e a maldade dos sacerdotes de Jerusalém foram mencionados particularmente como causas dos tão graves males que sobrevieram à cidade. É o mesmo ponto de Lamentações 2:14.

Eram muitos os profetas de Jerusalém que não profetizaram o que vinha da boca de Deus, mas o que vinha deles mesmos. Faziam o povo errar com visões falsas. Jerusalém estava sendo alertada pelo Senhor quanto ao castigo, mas os profetas corruptos diziam que haveria paz e que não viria mal algum (Jeremias 23:9-17). A atitude dos profetas corruptos contribuiu para o castigo que culminou no cativeiro. Os maus sacerdotes também contribuíram para o castigo, pois se corromperam e não estavam sendo dedicados a Deus – antes, estavam praticando maldades.

Em Miqueias 3:9-11, o profeta Miqueias deu testemunho contra os líderes, profetas e sacerdotes que estavam em meio ao povo: *"Escutem agora isto, governantes da casa de Jacó e chefes da casa de Israel, vocês que detestam a justiça e pervertem tudo o que é correto, que edificam Sião com sangue e Jerusalém, com iniquidade. Os seus cabeças dão as sentenças por suborno, os seus sacerdotes ensinam por interesse, e os seus profetas adivinham por dinheiro. E ainda se apoiam no SENHOR, dizendo: 'Não está o SENHOR no meio de nós? Nenhum mal nos sobrevirá.' Portanto, por causa de vocês, Sião será lavrada como um campo, e Jerusalém se tornará um montão de ruínas, e o monte do templo, numa colina coberta de mato."*

Por causa tanto dos maus profetas quanto dos maus sacerdotes, a história do "povo santo de Deus que não agia como povo santo de Deus" demonstra que o sangue de pessoas justas, isto é, fiéis ao Senhor, foi derramado. Fiéis como Jeremias, Ezequiel, Daniel e seus três amigos sofreram consequências por causa dos pecados do povo judeu.

**4:14 –** É interessante que os profetas e sacerdotes deveriam ter tido a melhor noção daquilo que é certo, mas acabavam sempre errando, sendo comparados a *"cegos pelas ruas"*, isto é, eles se desviaram dos caminhos da justiça e estavam cegos para tudo o que era bom, mas eram rápidos para fazer o mal. Em Mateus 15:14, Jesus também comparou os líderes religiosos que não praticavam a justiça de Deus com cegos: *"Ora, se um cego guiar outro cego, ambos cairão num buraco."* Andavam *"contaminados de sangue"*, não do seu próprio, mas tinham culpa pelo derramamento de sangue inocente. Jeremias 2:34 afirma: *"Nas bordas das suas roupas se achou também o sangue de pobres e inocentes."* O poeta usou uma figura de linguagem contra esses profetas e sacerdotes que transmite a ideia de que não era possível nem sequer encostar em suas roupas, de tão sujas de sangue que estavam, ou aquele que as tocasse se tornaria contaminado, de acordo com a Lei de Moisés.

**4:15 –** O poeta ilustrou um cenário de como o povo reagia aos profetas e sacerdotes corruptos. É curioso o fato de que, aqui, foi o povo que chamou os sacerdotes de imundos, dizendo para que se apartassem, como se os próprios sacerdotes fossem leprosos (Números 19:11-16). "Impuro!" ou "Imundo!" deveria ser o grito prescrito pelos sacerdotes para a pessoa com alguma grave doença de pele (descrita de forma geral pela palavra "lepra"), conforme Levítico 13:45. Porém, aqui, foram as pessoas comuns que reconheceram esses sacerdotes como impuros, não querendo se misturar com eles para não se tornarem impuros também. Então, o poeta ilustrou outro cenário em que os profetas e sacerdotes não achariam nem sequer alguém de outras nações que quisesse estar com eles, de tão contaminados que eram, dizendo: *"Aqui eles não podem morar"*.

**4:16 –** Ainda culpando os profetas e sacerdotes corruptos, o poeta disse que a punição do Senhor veio a eles, espalhando-os, isto é, foram entregues ao cativeiro babilônico. Deus deu atenção para eles. O resultado da ira do Senhor é que o inimigo não honrou profetas ou sacerdotes, e nem respeitou os anciãos – todos sofreram igualmente pela fome do cerco, pela espada dos inimigos ou pelo cativeiro.

**Lamentações 4:17-20:** ***"{4:17} Os nossos olhos ainda desfalecem, esperando socorro que nunca chega; de nossas torres, temos olhado para um povo que não nos pode livrar. {4:18} Espreitavam os nossos passos, de maneira que não podíamos andar pelas nossas ruas. Nosso fim se aproximava, os nossos dias estavam contados, era chegado o nosso fim. {4:19} Os nossos perseguidores foram mais ligeiros do que as águias nos céus; sobre os montes nos perseguiram, no deserto nos armaram ciladas. {4:20} O ungido do SENHOR, que era o nosso alento, foi preso nas armadilhas deles. Dele dizíamos: 'Debaixo da sua sombra, viveremos entre as nações.'"***

**4:17 –** O poeta fez uma alusão às alianças políticas com grandes nações da época, as quais na verdade não trouxeram salvação aos reinos de Israel e Judá, mas até mesmo contribuíram para sua ruína. O povo anteriormente pôs confiança em outras nações, mas socorro da parte delas nunca veio – é como se o povo estivesse esperando o auxílio das nações, olhando para elas das torres de vigia, mas nunca vinha ninguém (*"de nossas torres, temos olhado para um povo que não nos pode livrar"*). O Egito era uma das nações a quem Judá recorreu em busca de ajuda (Ezequiel 29:16).

**4:18 –** Os inimigos (babilônios) estavam sempre próximos por causa do cerco de Jerusalém e podiam arrombar os portões a qualquer momento, de maneira que não era seguro nem sequer andar pelas praças. A situação indicava o fim iminente para os habitantes de Jerusalém: a fome era terrível e os inimigos sempre estavam próximos. 2 Reis 25:3-6 relata como foi a entrada dos inimigos na cidade: *"Aos nove dias do quarto mês, quando a cidade se via apertada pela fome, e não havia pão para o povo da terra, a cidade foi arrombada. Embora os caldeus estivessem em volta da cidade, todos os homens de guerra fugiram de noite pelo caminho do portão que fica entre as duas muralhas perto do jardim do rei. Fugiram na direção do vale do Jordão, mas o exército dos caldeus perseguiu o rei Zedequias e o alcançou nas campinas de Jericó; e todo o exército deste se dispersou e o abandonou. Então Zedequias foi preso e levado ao rei da Babilônia, em Ribla, o qual lhe pronunciou a sentença."*

**4:19 –** Após a cidade ter sido arrombada, alguns judeus tentaram escapar. Os poucos que conseguiram chegar aos montes ou aos desertos foram alcançados pelos inimigos, que eram *"mais ligeiros do que as águias nos céus"*. Em Jeremias 4:13 está escrito: *"Eis que o destruidor avança como as nuvens; os seus carros de guerra são como a tempestade; os seus cavalos são mais ligeiros do que as águias. Ai de nós! Estamos perdidos!"* Os inimigos referenciados aqui podem não ser apenas os caldeus, ou babilônios, mas também os edomitas. Obadias 14 indica que edomitas pararam em encruzilhadas para interceptar israelitas que tentavam escapar da tribulação. Também, Edom parece ter capturado alguns israelitas que conseguiram fugir, entregando-os aos opressores. Essa possibilidade é reforçada pelo fato de o poeta ter desejado que o Senhor executasse retribuição à nação de Edom em Lamentações 4:21-22.

**4:20 –** A expressão *"o nosso alento"* também pode ser traduzida como "o fôlego da nossa vida", ou, mais literalmente, "o sopro de nosso nariz", que era um título também usado pelo faraó Ramessés II em uma inscrição encontrada em Abidos, no Egito. Assim, era uma expressão de confiança no faraó, pois se imaginava que ele era "o fôlego da vida" do povo. O povo de Judá tinha a mesma conotação em relação ao rei Zedequias. Outra tradução para *"o ungido do SENHOR"* pode ser "o escolhido do SENHOR", e esses dois títulos indicam o lugar de preeminência que se dava ao rei da dinastia davídica (Salmo 2:2) durante o período monárquico. O título *"o ungido do SENHOR"* ou "o escolhido do SENHOR" denota o relacionamento do rei com o Senhor, e o título *"o nosso alento"*, ou "o fôlego da nossa vida", ou "o sopro de nosso nariz", denota o relacionamento do rei com o povo. Em outras passagens, o rei era chamado de "filho de Deus" (2 Samuel 7:14; Salmo 89:27) e de "a lâmpada de Israel" (2 Samuel 21:17). A expressão *"foi preso nas armadilhas deles"* é uma alusão à captura e deportação do rei Zedequias (2 Reis 25:4-7; Jeremias 39:4-6). A expressão *"Debaixo da sua sombra"* significa "sob sua proteção".

Dessa forma, durante o cerco, a esperança do povo (*"o nosso alento"*) estava focada no rei Zedequias (*"o ungido do SENHOR"*), pois ele era descendente de Davi, sob cujo governo o povo de Judá se sentiu seguro por causa da aliança entre Deus e Davi (*"Dele dizíamos: 'Debaixo da sua sombra, viveremos entre as nações"*). No entanto, os caldeus invadiram a cidade, Zedequias tentou fugir, mas foi preso e deportado para a Babilônia (*"foi preso nas armadilhas deles"*).

**Lamentações 4:21-22: *"{4:21} Exulte e alegre-se agora, ó filha de Edom, você que habita na terra de Uz. Logo chegará a sua hora de beber do cálice; você ficará embriagada e despida. {4:22} O castigo por causa da sua maldade está consumado, ó filha de Sião; o SENHOR nunca mais a levará para o exílio. Mas ele castigará a sua maldade, ó filha de Edom; porá a descoberto os pecados que você cometeu."***

**4:21 –** A *"filha de Edom"* é uma personificação de Edom, os descendentes de Esaú, irmão de Jacó, de quem descenderam os judeus. Judá e Edom eram "nações irmãs", porém inimigas. *"Uz"* era um território extenso a leste do Jordão, incluindo Edom, no sul, e as terras sírias no norte. Por causa da relação íntima entre Edom e Israel desde os tempos antigos, e de sua hostilidade contínua, Edom, às vezes, representa todos os inimigos de Israel.

Aqui Edom foi ameaçado por ter se alegrado com a desgraça dos judeus e também prestaria contas a Deus dos seus pecados. O *"cálice"* que representa a ira de Deus e a punição divina também seria passado para a *"filha de*

*Edom"*, que, após "bebê-lo", iria se tornar se *"embriagada e despida"*, ou "teria suas vergonhas expostas", expressões que representam um dia do divino de acerto de contas – um "dia do Senhor". Pode ser que o poeta se dirigiu especificamente à nação de Edom, ou pode ser que se dirigiu a todas as nações inimigas de Israel, usando Edom como seu representante e englobando-as na expressão *"filha de Edom"*.

No caso da possibilidade de o poeta ter se dirigido especificamente à nação de Edom, em Obadias 10-14, o profeta relatou que Edom se alegrou, escarneceu, e até praticou violência covarde contra os descendentes de Jacó, no dia da desgraça de sua nação irmã: *"Por causa da violência feita ao seu irmão Jacó, você ficará coberto de vergonha e será exterminado para sempre. No dia em que estranhos levaram os bens de seu irmão Jacó, você estava presente; quando estrangeiros entraram pelos portões e lançaram sortes sobre Jerusalém, você mesmo era um deles. Você não devia ter olhado com prazer para o dia do seu irmão, o dia da sua calamidade. Você não devia ter-se alegrado pelo que aconteceu com os filhos de Judá, no dia da sua ruína. Você não devia ter falado de boca cheia, no dia da angústia. Você não devia ter entrado pelo portão do meu povo, no dia da sua calamidade. Você não devia ter olhado com prazer para o seu mal, no dia da sua calamidade. Você não devia ter posto as mãos sobre os seus bens, no dia da sua calamidade. Você não devia ter parado nas encruzilhadas, para exterminar os que escapassem. Você não devia ter entregado ao inimigo os que escaparam com vida, no dia da angústia."* A nação de Edom foi destruída pela Babilônia sob Nabonido, em 553 a.C.

**4:22 –** Em contraste com o juízo de Edom que estava por vir, haveria consolação para a *"filha de Sião"*, a personificação dos restantes de Judá e Jerusalém. Depois da destruição de Jerusalém e do exílio, o castigo de Sião foi consumado, como descrito em Isaías 40:1-2: *"'Consolem, consolem o meu povo', diz o Deus de vocês. Falem ao coração de Jerusalém e anunciem que o tempo de sua escravidão já acabou, que a sua iniquidade está perdoada e que já recebeu em dobro das mãos do SENHOR por todos os seus pecados."* O poeta afirmou que o povo judeu não mais seria levado para outro exílio como esse após o término do castigo, o que de fato ocorreu (embora a nação judaica tenha sido destruída mais adiante em 70 d.C. pelos romanos). Edom, no entanto, por causa de sua maldade e pecado, tinha seu castigo marcado para vir.

## *O APELO DE JUDÁ PARA O PERDÃO DE DEUS*

**Lamentações 5:1-5:** ***"{5:1} Lembra-te, SENHOR, do que nos aconteceu; considera e olha para a nossa desgraça. {5:2} A nossa herança foi entregue a estranhos, e as nossas casas, a estrangeiros; {5:3} somos órfãos, já não temos pai, as nossas mães são como viúvas. {5:4} Temos que comprar a nossa própria água; temos de pagar pela nossa própria lenha. {5:5} Os nossos perseguidores estão sobre o nosso pescoço; estamos exaustos e não temos descanso."***

**5:1 –** Pela sua forma e conteúdo, essa quinta lamentação se assemelha às súplicas coletivas do Livro de Salmos. Como nos poemas anteriores, aqui foi expressa a dor de um povo que foi arrasado por completo e que, apesar de tudo, lutava para não naufragar na desesperança (Lamentações 5:21). Diferentemente das outras lamentações, aqui não foi empregada a forma alfabética (acróstica), ainda que o poema também possua 22 versículos (o número de letras do alfabeto hebraico).

As circunstâncias descritas nesse capítulo sugerem a época imediatamente após a queda de Jerusalém, quando tudo estava caótico na terra assolada. O capítulo 5 descreveu o arrependimento do povo clamando a Deus e pedindo perdão – um salmo de lamentação na expressão de toda a comunidade, um clamor e uma petição para plena restauração, súplica comparável ao Salmo 44; 74; 79; 80. Lamentações 5:1-14 expõe a miséria do povo de Judá sobre o cativeiro da Babilônia. Lamentações 5:15-18 relata que a monarquia davídica não mais regia a vida de seus súditos e que o Monte Sião estava abandonado, o que significa que o templo de Jerusalém passou a ser nada mais além de escombros visitados por chacais. Lamentações 5:19-22 registra um clamor pelo socorro divino. É justo que essa poesia carregada de amargura e tristeza termine com uma oração que reconheceu a ira de Deus, mas ainda assim apelou à compaixão do altíssimo e eterno Deus como a única esperança de seus filhos, como em Jeremias 14:19; 31:18-19; Salmo 88.

**5:2 –** A expressão *"nossa herança"* representa as terras destinadas à tribo de Judá (Jeremias 2:7; 3:18). Tanto a terra como as casas (ou o que sobrou delas) passaram a pertencer aos conquistadores, os babilônios.

**5:3 –** No Antigo Testamento e, em geral, em todo o antigo oriente, órfãos e viúvas eram os representantes típicos de pessoas indefesas e desprotegidas. Aqui o povo foi comparado a órfãos e viúvas, tendo em vista a situação vulnerável em que se encontrava por causa do juízo do Senhor.

**5:4 –** O que antes pertenceu ao povo de Jerusalém passou a ser dos babilônios. Portanto, se o povo quisesse alguma coisa, teria que pagar, e isso até mesmo para coisas básicas, como *"água"* e *"lenha"*. Moisés já havia avisado o povo há muito tempo sobre as consequências de se desviar do Senhor (Deuteronômio 28:15-68). O povo não quis servir Deus, mas passou a ser obrigado a servir os inimigos, sentindo falta de tudo (Deuteronômio 28:48; Jeremias 28:14).

**5:5 –** Os babilônios estavam sempre próximos ao povo. A opressão que estavam cometendo contra o povo de Judá e Jerusalém não o dava descanso, deixando-o exausto (Deuteronômio 28:65).

**Lamentações 5:6-9:** ***"{5:6} Submetemo-nos aos egípcios e aos assírios, para nos fartarem de pão. {5:7} Nossos pais pecaram e já não existem; nós é que levamos o castigo pelas suas iniquidades. {5:8} Escravos dominam sobre nós; ninguém há que nos livre das suas mãos. {5:9} Arriscamos a vida para conseguir o nosso pão, por causa da ameaça que vem do deserto."***

**5:6 –** Por causa da fome, o povo que restou em Jerusalém se viu forçado a se submeter aos *"egípcios"* e aos *"assírios"* para conseguir alimento. O termo *"egípcios"* provavelmente se refere a alguns fugitivos de Judá que escaparam para o Egito (Jeremias 42:14). O termo *"assírios"* provavelmente é uma referência aos babilônios (como em Jeremias 2:18; Esdras 6:22), isto é, os caldeus/babilônios que ocuparam o império que foi da Assíria.

**5:7 –** Aqui se pode imaginar uma relação com o provérbio aparentemente popular de Israel: *"Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram"* (Jeremias 31:29; Ezequiel 18:2) – algo como "os nossos pais erraram e nós fomos aqueles que sofreram o castigo". Essa mentalidade havia se originado da má compreensão de passagens como Êxodo 20:5 e Números 14:18, as quais ensinam que o pecado pode ter um efeito negativo sobre os descendentes de alguém. No tempo de Jeremias, muitos presumiam que o julgamento de Deus contra eles não era consequência de seus pecados, mas dos erros de seus antepassados.

De fato, as consequências do pecado dos antepassados chegaram ao povo que sofreu com queda da nação de Judá, mas o poeta reconheceu que o povo pecou e teve culpa (Lamentações 3:42; 5:16). O poeta sabia que todos pecaram, tanto os pais quanto os filhos, e os filhos não foram punidos por causa dos pecados dos pais, mas por causa de seus próprios pecados (veja Ezequiel 18:20). O pecado dos pais teve consequências que chegaram até os filhos, mas os filhos foram igualmente culpados. Deus nunca retira a responsabilidade pessoal de cada um pelo seu próprio pecado. A medida de iniquidade que culminou no castigo tinha sido enchida pela geração que sofreu o cerco.

Assim, são evidentes os estragos que o pecado causou: os pecados dos antecessores trouxeram consequências cumulativas aos seus descendentes, os quais foram arruinados por causa das suas próprias transgressões.

**5:8 –** Há duas formas de entender como *"Escravos"* dominaram sobre o povo de Jerusalém. A palavra *"Escravos"* pode ter sido uma referência irônica aos oficiais babilônios que passaram a governar Jerusalém. Se o povo tivesse obedecido a Deus, as demais nações estariam abaixo de Israel, isto é, em certo sentido serviriam Israel, como se fossem "escravas" (Deuteronômio 28:13). No entanto, como o povo continuamente desobedeceu a Deus, ocorreu a inversão de posição (Deuteronômio 28:44). Daí veio a ironia do poeta ao dizer que uma nação que deveria ter sido "escrava" de Israel dominou sobre ele, e ninguém o podia livrar dela. Outra forma de entender como os *"Escravos"* dominaram sobre o povo de Jerusalém é que servos de menor hierarquia no governo babilônico podem ter assumido autoridade sobre o restante do povo que permaneceu em Jerusalém após sua queda. Assim, tais servos de baixa patente vieram a ser chefes do povo judeu, e não havia ninguém que pudesse livrá-lo dessa situação.

**5:9 –** A *"ameaça que vem do deserto"* provavelmente é uma referência aos saqueadores errantes. Por causa da fome, alguns do povo judeu podem ter se arriscado a buscar alimento em outros locais, e assim estiveram sujeitos aos ataques desses saqueadores.

**Lamentações 5:10-14:** ***"{5:10} Nossa pele queima como um forno, por causa do ardor da fome. {5:11} As mulheres foram violentadas em Sião; as virgens, nas cidades de Judá. {5:12} Enforcaram os príncipes, não tiveram nenhum***

***respeito pelos velhos. {5:13} Os jovens são obrigados a virar os moinhos; os meninos tropeçam debaixo das cargas de lenha. {5:14} Os anciãos já não se reúnem junto ao portão da cidade; os jovens já não cantam mais."***

**5:10 –** A fome seca os poros de modo que a pele aparenta como se tivesse sido queimada pelo sol. A falta de mantimentos também pode ter deixado o povo debilitado e suscetível às doenças e, portanto, febre e outras sensações de ardor pelo corpo.

**5:11 –** A crueldade do inimigo foi ressaltada mais uma vez. O autor relatou que as mulheres de Judá e Jerusalém foram violentadas pelos inimigos.

**5:12 –** Ainda se referindo à brutalidade dos inimigos, o poeta relatou que os líderes (*"príncipes"*) de Jerusalém e Judá foram enforcados, uma indignidade somada à execução que se seguia. Não havia nem sequer respeito aos idosos da parte dos conquistadores.

**5:13 –** Utilizar pessoas das nações conquistadas em trabalhos forçados era comum para os conquistadores do mundo antigo. Jovens de Judá foram forçados a trabalhar pesado nos moinhos, e até os meninos tropeçavam por causa do trabalho laborioso de carregar uma pesada quantidade de lenha. Os filisteus, quando capturaram Sansão, também o fizeram virar um moinho no cárcere (Juízes 16:21).

**5:14 –** As portas da cidade eram geralmente usadas como tribunal e também como local de conversação e entretenimento. No entanto, não havia mais anciãos sentados às portas, e nem mais jovens cantando – apenas a desolação.

**Lamentações 5:15-18:** ***"{5:15} Cessou a alegria de nosso coração; a nossa dança se transformou em lamentações. {5:16} Caiu a coroa da nossa cabeça. Ai de nós, porque pecamos! {5:17} Por causa disso, o nosso coração está doente; por causa dessas coisas, os nossos olhos se escureceram. {5:18} Pelo monte Sião, que está abandonado, vagueiam os chacais."***

**5:15 –** O povo antes teve alegria quando tinha seu reino governado pela dinastia de Davi, porém, após a calamidade, perdeu o júbilo. Não havia mais danças, apenas lamentações. Jerusalém antes foi cheia de formosura e alegria (veja Salmo 48:2), especialmente nas épocas de Davi e Salomão.

**5:16 –** Conforme Lamentações 4:20, a esperança do povo estava focada no rei Zedequias, pois ele era descendente de Davi. O povo de Judá tinha esperança no governo de um rei da dinastia davídica por causa da aliança entre Deus e Davi. No entanto, Zedequias foi capturado e deportado para a Babilônia, daí a expressão *"Caiu a coroa da nossa cabeça"*. Sem a esperança do *"ungido do SENHOR"* (o rei da linhagem de Davi), o poeta exclamou *"Ai de nós, porque pecamos!"* Ele mais uma vez reconheceu que os habitantes de Judá e Jerusalém persistentemente pecaram contra Deus e, por isso, veio a calamidade.

**5:17 –** Uma vez que o povo pecou e que um rei da dinastia de Davi não estava mais no governo, o poeta usou figuras de linguagem fortes para descrever a angústia do povo: "o nosso coração está doente" e *"os nossos olhos se escureceram"*.

**5:18 –** O hebraico para *"chacais"* também pode significar "raposas". De qualquer maneira, a presença desses tipos de animais ressalta a desolação do Monte Sião, onde se encontrava o templo. O Monte Sião estava abandonado, o que significa que o templo de Jerusalém passou a ser nada mais além de escombros visitados por esses animais. Os conquistadores babilônios destruíram o templo em 586 a.C.

**Lamentações 5:19-22:** ***"{5:19} Tu, SENHOR, reinas eternamente, o teu trono subsiste de geração em geração. {5:20} Por que te esquecerias de nós para sempre? Por que nos desampararias por tanto tempo? {5:21} Converte-nos a ti, SENHOR, e seremos convertidos; renova os nossos dias como antigamente. {5:22} Por que nos rejeitarias de vez? Por que ficarias tão enfurecido contra nós?"***

**5:19 –** A partir daqui até o final do livro, o poeta fez um clamor pelo socorro divino. Nem mesmo nas circunstâncias mais penosas o verdadeiro povo de Deus deixa de louvá-lo e de confiar nele (veja Salmo 22:1-5). Independentemente de calamidades, Deus sempre reinará por toda eternidade, ele é eterno (Salmo 145:13; 146:10).

**5:20 –** O autor fez duas perguntas ao Senhor, questionando por que ele esqueceria do povo para sempre e por que ele o desampararia por muito tempo. Apesar das dúvidas, é evidente que o poeta manteve a esperança em Deus e aguardava por seu socorro. Ele ainda esperava a reconciliação, conforme Lamentações 3:31-32: *"O SENHOR não rejeitará para sempre. Ainda que entristeça alguém, terá compaixão segundo a grandeza das suas misericórdias."*

**5:21 –** Foi feito um pedido para que o Senhor ajudasse o povo a se voltar para ele. O povo foi grandemente castigado, mas o autor demonstrou a atitude do povo judeu em querer se arrepender e se converter ao Senhor. Ele também pediu que Deus renovasse seus dias como antes, ou seja, que o povo e o Senhor voltassem a ter comunhão. A comunhão com Deus era a glória do povo.

Muitas vezes, são as situações ruins que permitem uma maior reflexão sobre os caminhos errados que as pessoas seguem. Essas situações difíceis permitem o despertar da vontade de se voltar para Deus – e o povo aqui estava aprendendo isso (Salmo 80:3-7; Jeremias 31:18).

**5:22 –** De maneira similar às questões de Lamentações 5:20, o poeta perguntou por que Deus rejeitaria para sempre seu povo e por que se enfureceria excessivamente com ele (Isaías 64:9). Ele já demonstrou a intenção do povo sobre o arrependimento e o desejo de se voltar a Deus no versículo anterior, o que deixa evidente que o poeta manteve a esperança em Deus e aguardava por seu socorro (Lamentações 3:21-31; 5:20). A mesma ideia é encontrada no Salmo 74:1.

Um fim semelhantemente obscuro caracteriza não apenas outros lamentos, mas também outros livros do Antigo Testamento, como Isaías e Malaquias.

## 3. REFERÊNCIAS

Este estudo foi realizado com informações adaptadas das fontes a seguir:


- www.estudosdabiblia.net;
- Bíblia Digital Glow;
- Bíblia de Estudo Arqueológica NVI;
- Bíblia de Estudo King James Atualizada.